

Antologia

A voz da esperança

— Castro Alves —

Seleção, organização e apresentação:
Antônio Carlos Secchin



edições
câmara

Câmara dos Deputados

56ª Legislatura | 2019-2023

Presidente

Rodrigo Maia

1º Vice-Presidente

Marcos Pereira

2º Vice-Presidente

Luciano Bivar

1ª Secretária

Soraya Santos

2º Secretário

Mário Heringer

3º Secretário

Fábio Faria

4º Secretário

André Fufuca

1º Suplente

Rafael Motta

2ª Suplente

Geovania de Sá

3º Suplente

Isnaldo Bulhões Jr.

4º Suplente

Assis Carvalho

Secretário-Geral da Mesa

Leonardo Augusto de Andrade
Barbosa

Diretor-Geral

Sergio Sampaio Contreiras de Almeida

Academia Brasileira de Letras

Diretoria

Presidente

Marco Lucchesi

Secretário-Geral

Merval Pereira

Primeira-Secretária

Ana Maria Machado

Segundo-Secretário

Edmar Bacha

Tesoureiro

José Murilo de Carvalho



Câmara dos
Deputados



Série Prazer de Ler

Antologia A voz da esperança

Castro Alves

Seleção, organização e apresentação por
Antonio Carlos Secchin



edições **câmara**

Câmara dos Deputados

Diretoria Legislativa: Afrísio de Souza Vieira Lima Filho

Centro de Documentação e Informação: André Freire da Silva

Coordenação Edições Câmara dos Deputados: Ana Lígia Mendes

Editor: Wellington Brandão

Revisão: Letícia de Castro

Projeto gráfico da série: Giselle Sousa e Thiago de Lima Gualberto

Capa e ilustrações: Diego Moscardini

Diagramação: Giselle Sousa

Texto baseado em: Castro Alves - Antologia Poética, 1997, Fundação Nacional da Arte (Funarte).

SÉRIE

Prazer de Ler

n. 14 e-book

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)

Coordenação de Biblioteca. Seção de Catalogação.

Bibliotecária: Débora Machado de Toledo – CRB: 1303

Alves, Castro, 1847-1871.

Antologia: a voz da esperança [recurso eletrônico] / Castro Alves; seleção, organização e apresentação: Antonio Carlos Secchin. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019. – (Série prazer de ler; n. 14 e-book)

Versão e-book.

Modo de acesso: livraria.camara.leg.br

Disponível, também, em formato impresso.

ISBN 978-85-402-0760-8

1. Alves, Castro, 1847-1871, crítica e interpretação. 2. Poesia, Brasil. I. Secchin, Antonio Carlos. II. Título. III. Série.

CDU 869.0(81)

ISBN 978-85-402-0759-2 (papel) | ISBN 978-85-402-0760-8 (e-book)

Direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/2/1998.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida por qualquer meio sem prévia autorização da Edições Câmara.

Venda exclusiva pela Edições Câmara.

Câmara dos Deputados

Centro de Documentação e Informação – Cedi

Coordenação Edições Câmara – Coedi

Palácio do Congresso Nacional – Anexo 2 – Térreo

Praça dos Três Poderes – Brasília (DF) – CEP 70160-900

Telefone: (61) 3216-5833

livraria.camara.leg.br

Sumário

Apresentação	7
A voz da esperança	8
Castro Alves por ele mesmo	9
Os adeuses de Castro Alves	17
Antologia	23
Poemas de amor	24
Adormecida	25
Tirana	26
Boa noite	27
Canção do boêmio	29
Murmúrios da tarde	31
O gondoleiro do amor	34
Os anjos da meia-noite	36
O “adeus” de Teresa	45
Hebreia	46
Aves de arribação	48
É tarde!	54
O hóspede	56
O laço de fita	59
Poemas da liberdade e da escravidão	61
O navio negreiro (Tragédia no mar)	62
Vozes d'África	73
A visão dos mortos	77
A cruz da estrada	79
Saudação a Palmares	81
Ode ao Dous de Julho	83

O livro e a América.....	85
Poemas da natureza.....	89
A queimada	90
Crepúsculo sertanejo	92
Sub tegmine fagi	93
Coup d'étrier	97
Poemas da saudade	100
Versos de um viajante	101
A Boa Vista	102
Poemas do sono e da morte	106
Hino ao sono	107
Quando eu morrer	110
Mocidade e morte	112
Poemas da graça e da desgraça de ser poeta.....	115
Dedicatória de Espumas flutuantes	116
Ahasverus e o gênio	117
Poesia e mendicidade	119
Adeus, meu canto	124
Sobre o organizador	132

Apresentação

O clássico é inevitável, algo que não podemos conhecer apenas de ouvir falar. Mesmo quando não nos identificamos com ele, a experiência de conhecê-lo é válida e serve como referencial até mesmo para o posicionamento contrário.

Quando se trata de livros, nada pode esgotar ou substituir os clássicos. Eles são indispensáveis para a construção da identidade nacional: por meio deles é possível conhecer a herança cultural e a alma coletiva de uma sociedade.

Segundo Monteiro Lobato, “um país se faz com homens e livros”. Podemos extrapolar e dizer que os sonhos de uma nação se tecem em sua literatura. A cada nova leitura dessas obras, os sentidos ali registrados se renovam, iluminando o passado, contrastando-se com o presente e enriquecendo as aspirações para o futuro. Assim, mais que a história, a literatura é o testemunho palpitante de um povo.

É por esta razão que a Série Prazer de Ler traz os grandes clássicos disponíveis em domínio público. Nela, são contemplados os principais títulos dos maiores autores brasileiros. A Edições Câmara busca, dessa forma, contribuir com o desenvolvimento da cultura nacional, compartilhando o nosso patrimônio literário com uma roupagem moderna para leitores de todas as faixas etárias.

Os títulos da série estão disponíveis na Livraria da Câmara (livraria.camara.leg.br), onde é possível comprar a obra impressa ou fazer *download* gratuito do seu formato digital. Além disso, essas publicações podem ser baixadas nas lojas Amazon, Google, Apple e Kobo.

Boa leitura!

Edições Câmara

A voz da esperança

Esta antologia compõe-se de três seções.

A primeira, “Castro Alves por ele mesmo”, apresenta uma autobiografia imaginária do poeta baiano, como se, após sua morte, ele se dirigisse aos leitores de hoje. Todos os fatos narrados realmente aconteceram.

A segunda, “Os adeuses de Castro Alves”, contém uma leitura minuciosa de um dos mais conhecidos poemas do autor, “O ‘adeus’ de Teresa”, e revela ainda dois poemas pouco divulgados que estabelecem curioso e inesperado diálogo com o famoso texto.

A terceira, a “Antologia” propriamente dita, agrega alguns dos mais importantes textos do autor. Buscamos retratar as várias facetas de sua produção, através de 33 poemas distribuídos em 6 núcleos temáticos, a saber: o amor, a liberdade/a escravidão, a natureza, a saudade, o sono/a morte, e a própria poesia.

Ler Castro Alves é, de certa forma, ir ao encontro daquilo que de mais popular e intenso a nossa poesia produziu no século XIX. Ele foi o paladino da justiça e da liberdade, o cantor dos fracos e dos desvalidos, mas foi também o pintor da natureza, o pensador dos dramas que agitam a existência humana. Na melhor tradição romântica, vida e obra, nele, não se separam.

Esperamos que o livro desperte no leitor o desejo de se aprofundar no conhecimento da poesia deste que, patrono da Cadeira 7 da Academia Brasileira de Letras, é um dos poetas brasileiros mais amados de todos os tempos, e cuja única obra poética publicada em vida – *Espumas flutuantes* – completa, em 2020, 150 anos de seu lançamento.

Antonio Carlos Secchin

Castro Alves por ele mesmo

Morri no dia 6 de julho de 1871, às três e meia da tarde, na cidade de Salvador. Nasci no dia 14 de março de 1847, na fazenda das Cabaceiras, perto de Curralinho, cidade que hoje tem o meu nome. Não estranhem o fato de eu começar minhas memórias pela data da morte. Diante da eternidade, não há muita diferença entre o que é princípio e o que é fim: tudo se mistura, se apaga e se acaba na roda-viva dos séculos.

Meus pais foram o doutor Antônio José Alves e dona Clélia Castro, filha de um sargento que foi um dos heróis da Independência da Bahia, conquistada em 2 de julho de 1823. Em muitas províncias os portugueses não acataram a proclamação do Sete de Setembro, e queriam nos manter atados à Coroa lusitana. Na Bahia, meu avô materno, José Antônio da Silva Castro, ajudou a derrotar o general Madeira, comandante das tropas inimigas, para assim confirmar a independência do Brasil. Papai foi um médico famoso. Estudou na Europa, de onde enviava cartas bem românticas à minha futura mãe. Casaram-se e logo encomendaram a prole: José Antônio foi o primeiro; eu, Antônio, o segundo; Guilherme, o terceiro; sem esquecer João, de morte prematura. Essa sequência masculina só foi quebrada em 1852, com o nascimento de Elisa.

A vida na fazenda começava a ficar limitada demais para a ambição de meu pai. No começo de 1854, fomos morar em Salvador, no solar Boa Vista. Essa casa, que marcaria de forma definitiva a minha vida, era cheia de lendas e mistérios: uma linda moça, Júlia Feital, nela foi assassinada pelo noivo, que, louco de ciúmes, a teria fulminado com uma bala de ouro. No solar nasceram minha querida irmã Adelaide e a caçula Amélia, em 1855, empatando em três a três o jogo entre homens e mulheres.

Além de praticar a ciência, papai era dado à pintura. Em 1856, foi um dos fundadores da Sociedade das Belas-Artes da Bahia, mesmo ano em que iniciei os estudos no Colégio Sebrão. Mas logo me transferi para o Ginásio Baiano, do doutor Abílio César Borges, futuro Barão de Macaúbas. Para a época (1858), as ideias do doutor eram o máximo: estudávamos várias matérias ao mesmo tempo, não recebíamos castigos físicos, éramos incentivados a participar de torneios literários. Para mim, que já trazia o amor à arte

cultivado em família, foi uma espécie de preliminar para a (desculpem a imodéstia) glória futura. Celebrávamos principalmente as datas cívicas, e esse amor prematuro aos feitos brasileiros deixou sementes que iriam germinar na minha poesia de adulto. Eu já gostava de falar em público, de recitar poemas, que, cuidadosamente, anotava num caderninho. Mais tarde, tive a sabedoria de dar fim a essa poesia, impedindo que os primeiros textos de Cecéu (como eu era conhecido) fossem publicados em livro.

Desse período, a péssima notícia foi a morte de mamãe, em 1859, aos 33 anos. Desesperado, meu irmão tentou o suicídio. Não gosto de falar disso. Diferente de outros poetas, me incomodaria retratar minha mãe nos poemas. E o mano teve uma reação de louco. Loucura e morte eram os temas da moda: eu sofri os dois na carne.

A grande mudança que me arrancou em definitivo das indecisões e devaneios do fim da infância se deu em 1862, quando fomos, eu e José Antônio, morar no Recife para seguir os cursos preparatórios à Faculdade de Direito. Fomos trocando de endereço até nos estabelecermos numa “república” de estudantes. No ano seguinte publiquei no nº 1 de um jornal acadêmico, *A Primavera*, meu primeiro poema contra a escravidão: “A canção do africano”. Devo dizer que, à época, estava repetindo o curso de geometria, pois tinha levado bomba em 1862. Como a grande maioria da humanidade, sempre tive graves problemas na hora de me entender com a matemática e seus derivados. O consolo é que, para fazer poesia, quase nunca é preciso contar além de doze sílabas, e esse limite basta para acolher o universo inteiro.

Um grande prazer, não só meu, mas de todos os companheiros de geração, era o teatro. O divino Victor Hugo, fonte inesgotável de inspiração, já havia escrito muita coisa sobre o drama romântico. Exemplo desse drama era *Dalila*, de Octave Feuillet, que foi à cena no teatro Santa Isabel com a atriz Eugênia Câmara. Difícil descrever o impacto que a presença dela exerceu sobre mim. Digo apenas que ela foi a mulher mais importante de minha vida, a musa celeste que me arrastou, como um turbilhão, ao mais profundo fundo dos cafundós do inferno. Mas isso é história para mais tarde: por enquanto, tenho apenas dezesseis anos, e corre o ano de 1864. Sou um rapaz bonito, talentoso, querido pelos colegas (apesar de me acharem orgulhoso em excesso) e marcado por duas novas perdas: a do ano letivo na faculdade de direito e a do meu irmão José, morto em fevereiro. Quanto à primeira, paciência! Esti-

ve na Bahia, faltei mesmo mais do que devia, e as faltas não foram abonadas. Mas meu irmão... Em outubro do ano anterior já dava sinais de desequilíbrio. O jeito foi mandá-lo ao Rio, a ver se melhorava. Acabou suicidando-se. Sofri, me lembrei da primeira tentativa; a segunda, desgraçadamente, dera certo. Loucura e morte se abraçaram, e comemoraram as bodas em cima do cadáver de José.

Para compensar tanto infortúnio, 1865 correspondeu a um período de grande felicidade. Repetente, já sabia as matérias do primeiro ano de direito; sobrava-me tempo para desenvolver o projeto do livro *Os escravos*. Morava no bairro de Santo Amaro, em companhia da dengosa Idalina, a quem homenageei n'“As aves de arribação”. Eu brincava dizendo que estava muito bem instalado entre mortos e doidos: a casa ficava entre um hospício e o cemitério.

Em 11 de agosto, obtive meu primeiro grande sucesso público: recitei “O século” na sessão comemorativa da abertura dos cursos jurídicos; nove dias depois, foi a vez de “Aos estudantes voluntários”, no teatro Santa Isabel. Voluntários, é claro, da guerra do Paraguai: até eu me alistei no batalhão. “O século”, que reservei para abrir meu livro *Os escravos*, é um grito de crença na juventude e no futuro, é uma aposta na força do novo. Apesar do sangue militar do avô materno, nunca fui um apologista da guerra. Cantei, sim, os feitos heroicos, as batalhas vitoriosas contra a opressão – só em louvor do Dois de Julho escrevi cinco poemas. Se acham que exagerei, saibam que num único livro de outro poeta, Félix da Cunha, há sete poemas dedicados ao Sete de Setembro! Naquele tempo a palavra da poesia, além de ser íntima, também devia ser cívica. Daí tantas confissões de amor à pátria num tom vibrante, que os críticos, décadas depois, me censuraram. Mas não era com sussurros que se incendiava o público: era com entusiasmo, dramaticidade, retórica. Eu tinha consciência de que fazia alguns poemas para voz alta, e não para leitura com um chá no aconchego das cadeiras de balanço. Mais tarde, num deles, lido na rua (“Pesadelo de Humaitá”), cheguei a anotar: “não se publica”. Foram publicados... O poeta, quando muito, é o dono dos versos, mas não é nunca o dono do destino do poema.

A guerra do Paraguai foi o último grande conflito externo que atingiu o reinado de D. Pedro II. As lutas internas (a Cabanagem, a Sabinada, a Balaiada, a Farroupilha) já haviam sido sufocadas e, derrotado o Paraguai, desenhou-se para o país um longo período de letárgica e superficial tranquilidade.

Sim, porque agora o inimigo estava dentro de nós, em nossas famílias, sorvendo o sangue e o suor de uma raça em tempos de suposta paz. Como acreditar em paz, tendo ao lado os guerreiros negros vencidos pela escravidão? É certo que, desde 1850, já se proibira o tráfico de escravos. Pouco antes de minha morte, eu ainda comemoraria, em 1869, a proibição da venda de seres humanos em pregão público. Mas era pouco. Para mim, abolição e república eram palavras quase irmãs: uma puxava a outra, naturalmente. Alguns poetas falavam mal do governo; para eles, uma troca de gabinete resolveria a contento a questão. Eu não queria trocar um gabinete: queria mudar o regime. Abaixo a Monarquia! Chamaram-me de “o poeta dos escravos”, e eu me orgulho do epíteto. Acho, porém, que ele não diz tudo: sempre quis ser “o poeta da liberdade”. A escravidão era uma das mazelas, talvez a mais horrenda, que devíamos combater em prol da liberdade. Mas, além da liberdade social, era preciso lutar pela econômica, pela política, pela (por que não?) afetiva... Muitos dizem que minha obra está composta de uma parte política e de uma parte lírica. Eu penso que vigora sempre o mesmo amor à humanidade, sob roupagens diversas: amor coletivo e amor pessoal, e não saberia dizer qual o mais importante.

Mas voltemos às minhas dores: em 1866, eu, que já era meio órfão, tornei-me órfão por inteiro. Assisti à morte de papai em janeiro, na Bahia, durante as férias da faculdade. Procurei não transportar o peso de tantas perdas para a minha poesia. Particularmente, achava exagerado o gosto pelo doentio que os poetas da geração anterior à minha desenvolveram. Eu queria apostar na vida, mas vivia perdendo a aposta... De vez em quando, porém, eu ganhava. E o prêmio, no caso, não foi pequeno: o amor de Eugênia Câmara. Após um longo período de indecisões e recuos, que nunca soube com clareza se eram meus ou dela, finalmente consegui arrancá-la do empresário com quem vivia, e levei-a, junto com a filha, para morar comigo num subúrbio do Recife. Dediquei-lhe muitos poemas, alguns recitados em público, e que, na paixão do amor ou no desespero da perda, testemunham a intensidade da nossa relação: “Dalila”, “Meu segredo”, “Amemos”, “O voo do gênio”, “A uma atriz”, “Fatalidade”, “O ‘adeus’ de Teresa”, “O gondoleiro do amor”. Para ela escrevi, no fim do ano, o drama *Gonzaga ou a revolução de Minas*, onde falo de liberdade, escravidão, traição, paixões... em suma, de tudo que atormentava ou deliciava minha existência, e se confundia com a própria Eugênia,

para quem, é evidente, eu havia reservado o papel principal. Sonhava vê-la em cena interpretando meu texto com seu talento fulgurante, decerto bem superior ao da concorrente Adelaide Amaral, atriz aclamada pelo poeta Tobias Barreto. Durante algum tempo, aliás, minha sina foi entrar em conflito com Tobias. Começamos como amigos – temos inclusive poesias dedicadas um ao outro –; passamos a colegas, tornamo-nos rivais e acabamos inimigos. Intrigas pessoais e literárias. O Tobias era feio, velho, escrevia mal e declamava pior ainda. Nos recitativos ficava nervoso, tinha um jeito desastrado, não controlava a voz. Já eu, que possuía domínio cênico, entrava vestido de negro, com uma flor na lapela, óleo nos cabelos, madeixas minuciosamente espontâneas e pó-de-arroz no rosto, para parecer mais pálido. Por modéstia, não direi que frequentemente as moças ficavam tão próximo do delírio quanto os rapazes, da inveja. Mas nem depois de morto eu descansei do Tobias: um historiador literário, Sílvio Romero, sergipano como o poeta, resolveu promovê-lo postumamente às minhas custas, afirmando a superioridade do conterrâneo sobre mim. Até hoje, todos só se lembram de Barreto por isso, naturalmente para discordar de Romero (aqui, sou o primeiro da fila).

Continuava devotado às causas sociais. Fundei, com Rui Barbosa e outros colegas da faculdade, uma sociedade abolicionista e participei de um comício republicano dissolvido pela polícia, quando criei de improviso os versos de “O povo ao poder”. No terreno sentimental – e seria desse modo até o fim – vivia em sobressaltos. A companhia teatral de Eugênia iria excursionar ao Sul do país, e necessitava de sua maior estrela; nessas circunstâncias, eu não poderia acompanhá-la. Para meu alívio, Eugênia rompeu com o empresário e decidiu ficar definitivamente (até quando?) comigo. Motivado, arrematei o *Gonzaga* em fevereiro de 1867 e deixei o Recife, aonde nunca mais voltaria, na direção da Bahia, levando minha mulher e uma certeza: iríamos conseguir encenar o texto em Salvador.

Depois de curto período no Hotel Figueiredo, instalamo-nos no solar Boa Vista, casa de minha infância, então semiabandonada pela família. O impacto desse reencontro eu registrei no poema “A Boa Vista”. Ao lado de Eugênia, eu sentia minha carreira se fortalecer. Nesse período, esbocei *A cachoeira de Paulo Afonso*, que só seria publicado cinco anos após meu falecimento. Um grande sucesso foi a declamação de “Quem dá aos pobres, empresta a Deus”, numa sessão beneficente no mês de outubro, em prol das

famílias dos mortos na guerra do Paraguai. Mas a verdadeira consagração ocorreu no dia 7 de setembro, quando finalmente subi à cena, no teatro São João, o meu *Gonzaga*, tendo à frente do elenco Eugênia e, no papel de Tomás Antônio Gonzaga, o esquecido Eliziário Pinto, ator e poeta, cujo belo “Festim de Baltazar” permaneceu como uma espécie de filho único do autor, reproduzido em muitas antologias do começo do século XX. Pobre Eliziário, de tanto brilho naquela noite, e hoje sem qualquer migalha no festim da literatura...

Imaginem um autor delirantemente aplaudido após a estreia? Multipliquem por mil, e ainda será pouco. Fui chamado à cena depois de cada ato, sob estrondosa ovação. Não satisfeita, a multidão carregou-me em triunfo, sobre os ombros, até minha casa. Era a glória, mas baiana. Quem sabe eu não seria bafejado pela consagração nacional?

Decidi prosseguir os estudos de direito, interrompidos na temporada em Salvador, na cidade de São Paulo. Incluí no roteiro de viagem uma visita ao Rio de Janeiro, onde tencionava conhecer nosso maior escritor, o cearense José de Alencar. Em fevereiro de 1868 já estávamos no Rio, Eugênia e eu. Munido de uma carta de apresentação, visitei Alencar, então residindo na Tijuca, sabendo que tocava numa corda sensível do mestre: li para ele o *Gonzaga*. Meu anfitrião era um obcecado pela construção de um teatro brasileiro, mesmo tendo fracassado na tentativa. Pregava um teatro baseado em nossa história – exatamente o que eu fizera, ao invocar em meu drama a Inconfidência Mineira. A receptividade foi muito boa, a ponto de Alencar encaminhar-me a outro talento que se firmava na literatura fluminense: o jovem Machado de Assis, a quem visitei no domingo de carnaval. O resultado desses encontros se traduziu nas crônicas publicadas no *Correio Mercantil*, a de José em 22 de fevereiro e a de Joaquim em 1º de março, ambas muito favoráveis ao *Gonzaga*. Isso contribuiu para que, em São Paulo, minha acolhida superasse toda expectativa. Lá cheguei em fins de março. Joaquim Nabuco, bem mais tarde, diria que eu era “o eleito da mocidade” e que representava “a dignidade e a independência das letras”. Outro colega chamou-me “mais um semideus do que um poeta”. Lúcio de Mendonça, que seria o fundador da Academia Brasileira de Letras, escreveu que quando eu me exibia à multidão “era grande e belo como um Deus de Homero”. Creio que há algum exagero nisso tudo, mas, para corresponder a tanto carinho, ofereci à Pauliceia o melhor do que dispunha: meus versos. Em abril, compus “Tragédia no mar”,

que todos insistem em conhecer pelo subtítulo, “O navio negreiro”; eu recitaria esses versos no dia 7 de setembro, no Grêmio Literário da Faculdade de Direito, de São Paulo. Em junho declamei, no teatro São José, a “Ode ao dous de julho”, meu mais conhecido poema sobre a data, e, no mesmo mês, escrevi “Vozes d’África”. Para culminar, *Gonzaga* foi representado com o maior ator da época, Joaquim Augusto.

Tudo estaria perfeito, não fossem as cada vez mais constantes desavenças com Eugênia. Cenas violentas, ciúmes, brigas, precárias reconciliações. Sopravam-me histórias de adultério. No entanto, sei que ela me amou, como sei que, talvez, meu amor tenha sido insuficiente para sua paixão. Não a recrimino. Em determinado momento, largou a carreira para me seguir. Agora me largava para seguir a si própria. Abatido, desgostoso, procurei refúgio em algumas distrações: caçadas, por exemplo. Maldito dia de novembro, quando fui ao Brás. Sem querer, ao transpor uma vala, acionei o gatilho e a bala se cravou no meu pé esquerdo. Resultado: plantei ali a semente de chumbo da minha morte. Nunca me curei de todo, e à ferida do pé se acrescentaram problemas infecciosos e pulmonares. Sem Eugênia, prostrado ao leito em seis meses de sofrimento, disse adeus a São Paulo e fui tratar-me no Rio, em maio de 1869. Os médicos concluíram que a única alternativa seria a amputação do terço inferior da perna, e eu concordei: ficaria com menos matéria do que o resto da humanidade. Ainda permaneci no Rio até o fim do ano, quando decidi retornar à Bahia. Com o navio se afastando da Guanabara, visualizei, repentinamente, duas tristezas: a da noite, que descia dos céus, e a da solidão, que subia do oceano. Entre mar e céu, vaga e vento, brotou-me um nome, *Espumas flutuantes*, para assim chamar o livro que reuniria meus poemas. Em Salvador, aquecido pelo calor dos trópicos e da família, cheguei a sonhar que me curaria. Dediquei-me com afinco à preparação da obra; em fevereiro de 1870 redigi o “Prólogo”, em que aludi aos tempos felizes no Sul, à transitoriedade da dor e da alegria. Fiz questão de assinalar data e local de muitos poemas, como se, com isso, estivesse dizendo que escrevi o que a vida me ditou, e a cada dia o ditado foi diverso.

Encarreguei o amigo Augusto Guimarães de acompanhar em detalhes a publicação do livro: tipografia, papel, tiragem, e meti-me no interior da Bahia, de volta a Currallinho, em busca de sossego mental e regeneração física. Revi Leonídia Fraga, namoradinha de infância, que me inspirou “O

hóspede”. Na fazenda Santa Isabel dei por encerrado *A cachoeira de Paulo Afonso*.

Retornei a Salvador em setembro. À medida que me enfraquecia, o livro ganhava corpo: nasceu forte e belo. Em novembro despachei para o Rio os primeiros exemplares de *Espumas flutuantes*. Nessa altura, a doença abandonava a marcha lenta e já galopava, feroz, no meu corpo. Recolhi-me em definitivo ao abrigo da família, e só abri uma exceção no dia 1º de fevereiro de 1871, quando, combalido, arranquei forças para declamar em público um poema em solidariedade às crianças vítimas da guerra franco-prussiana. Na minha vida pessoal, fui ainda aquinhoado com um amor diverso de todos os que até então vivera: apaixonei-me por Agnèse Murri, viúva, jovem, linda, italiana. Professora de canto e piano da mana Adelaide, foi a casta musa para quem compus “Noite de maio”, “Versos para música”, “Remorsos”, “Gesso e bronze”, “Aquela mão”, “Longe de ti”, “Em que pensas?”. Nunca foi minha, mas, na memória inesgotável do desejo, será minha para sempre.

Seis de julho de 1871, três e vinte da tarde. Daqui a dez minutos vou morrer. Peço à mana que me ajude a levantar da cama, quero ir à janela e ver ainda uma vez o Sol. Com grande esforço apoio-me ao parapeito; a respiração ofegante, o suor, essa dor no peito. Imóvel, sinto que a luz do Sol se escurece, ou talvez seja eu que esteja escurecendo dentro do dia que insiste em brilhar.

Três e meia. Castro Alves não existe mais.

Bem. E depois? Cada um seguiu seu rumo. Leonídia, por exemplo, se casou cinco anos após minha morte. O solar Boa Vista virou hospício, e um dia internou uma mulher velhinha e doida – Leonídia. Quando faleceu, encontraram em seus pertences cópias amarelecidas de versos meus. Agnèse voltou para a Itália, hoje em dia deve estar regendo o coro dos querubins.

Versos publicados, esquecidos, fracassados, traduzidos, improvisados, não escritos. Talvez a biografia de um poeta seja a soma de seus versos e a multiplicação de seus sonhos. Em meio a tantas tempestades, ousou dizer que fui feliz. Tive a bênção de ser o último poeta a casar povo e poesia, e já estava bem morto à época do divórcio. Por isso, se ainda quiserem saber de mim, não me ouçam mais – tratem de ouvir meus versos, porque, em minha vida, eu afirmei:

Último trono – é o poema!

Último asilo – a Canção!

Os adeuses de Castro Alves

O “adeus” de Teresa

A vez primeira que eu fitei Teresa,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A valsa nos levou nos giros seus...
E amamos juntos... E depois na sala
“Adeus” eu disse-lhe a tremer co’a fala...

E ela, corando, murmurou-me: “adeus”.

Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...
E da alcova saía um cavaleiro
Inda beijando uma mulher sem véus...
Era eu... Era a pálida Teresa!
“Adeus” lhe disse conservando-a presa...

E ela entre beijos murmurou-me: “adeus”.

Passaram tempos... sec’los de delírio...
Prazeres divinais... gozos do Empíreo...
... Mas um dia volvi aos lares meus.
Partindo eu disse – “Voltarei!... descansa!...”
Ela, chorando mais que uma criança,

Ela em soluços murmurou-me: “adeus”.

Quando voltei... era o palácio em festa!...
E a voz d’Ela e de um homem lá na orquestra
Preenchiam de amor o azul dos céus.
Entrei!... Ela me olhou branca... surpresa!
Foi a última vez que eu vi Teresa!...
E ela arquejando murmurou-me: “adeus!”¹

São Paulo, 28 de agosto de 1868.

¹ ALVES, Castro. O “adeus” de Teresa. In: ---. *Obra completa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 107. Além de Castro Alves, outros afamados poetas românticos brasileiros versejaram sobre a valsa: Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela.

“O ‘adeus’ de Teresa” é dos mais conhecidos textos da lírica de Castro Alves. Logo no título, chamam atenção as aspas na palavra adeus. Aspas costumam ser usadas para reproduzir a fala de personagens, ou para inverter o sentido de uma palavra através da ironia, quando, por exemplo, se diz, a propósito de pessoa com má aparência, que ela é “linda”. Em breve veremos como essas duas possibilidades de utilização convergem no texto.

Preliminarmente, é preciso destacar que quase todos os biógrafos de Castro Alves comentam que o poema se reporta ao desfecho do romance de Castro Alves e Eugênia Câmara, atriz portuguesa, sua grande paixão. Entre tormentosas idas e vindas amorosas, ela rompeu com o poeta e se uniu ao maestro de sua companhia teatral.

O texto, narrativo, repertoria as sucessivas fases do relacionamento, dos primórdios à dissolução. Compõe-se de quatro estrofes encerradas por verso suplementar de forte teor paralelístico (“ela + ação + adeus”), numa espécie de refrão com variantes.

A estrofe um reelabora as características do “fitar”: fitando a virgem, o poeta tendia a ser extático, e, por isso, estático, a fim de preservar a intangibilidade do objeto de desejo. Aqui, o “ver” desencadeia de pronto uma ação, o mergulho no “giro da valsa” – e a valsa, no espaço público, representava o tempo erótico por excelência, permitindo aproximações, contatos, flertes e insinuações.

A imagem da natureza, no poema, não apresenta, como nos dois bailes anteriores, a cisão entre o mal e o bem: ou natureza corruptora do desejo, ou natureza repressora do impulso erótico. É, apenas, força irresistível, sem submeter-se a juízo punitivo ou judicativo: simplesmente inevitável, como “as plantas que arrasta a correnteza”.

Importante também destacar o verso quatro da estância inicial: “E amamos juntos... E depois na sala”. Se a primeira pessoa do singular é o registro por excelência do sujeito lírico, aqui verificam-se as marcas da primeira pessoa do plural, implicando plena reciprocidade do sentimento, reforçada pelo adjetivo “juntos”. Onde se amaram? O poeta é discreto e, de modo literal, reticente (“...”). Com certa malícia, não informa o local, mas acrescenta “E depois na sala”. Onde quer que se tenham amado, não o fizeram no ambiente da sala, a que só retornaram “depois”.

A mulher, “corando”, sinaliza inexperiência ou recato. Na palheta cromática do texto, o rubor se transforma em palidez, na estrofe dois: “Era a pálida Teresa”. Agora, passamos do espaço público do baile ao espaço privado da alcova. A amante, despida das roupas de baile e do pudor inicial, se revela, assim, duplamente “sem véus”.

Ainda na estrofe inicial, observe-se que o tremor (“a tremer co’a fala”) não advém do encontro, mas, este consumado, da hipótese de perda, gerando o primeiro adeus, logo duplicado na voz de Teresa. Nos ultrarromânticos, a tendência é o tremor anteceder, ou mesmo obstar, o efetivo encontro, daí advindo, na comoção frente à virgem, uma sucessão de desmaios, masculinos e femininos.

Apesar da reciprocidade da paixão, do “amamos juntos”, o comando do relacionamento é, até então, masculino, pois cabe ao homem administrar os protocolos de partida e de reencontro, estabelecendo a seu grado o *timing* da vida amorosa. Quando ele parte, tem a certeza de que ela passivamente o espera. É sintomático o verso “‘Adeus’ lhe disse conservando-a presa” – ele, quando se afasta, não a liberta. Do ponto de vista fonético, ao ir embora, conserva “a presa”, pois, junto com o pronome oblíquo registrado na escrita, soa o artigo definido feminino, com o qual “presa” passa de adjetivo a substantivo, sinônimo de caça ou de prisioneira do homem.

A terceira estrofe consigna o ápice da intensidade da paixão, através dos signos “delírio”, “prazeres”, “gozos”. Porém – no meio da estrofe, verso três – surge a adversativa, para indiciar a virada do enredo. Às noites de prazer se opõe agora o dia da perda: “[...] Mas um dia volvi aos lares meus”. A referência a “lares meus” não é clara: o homem dispunha de mais de um lar? Trata-se da casa dos pais? Da casa da esposa? De qualquer modo, a relação com Teresa não era “oficial”, na medida em que o conceito de “lar” era externo ao par amoroso. Pela primeira vez rompe-se a simetria discursiva: ele diz “voltarei”, porém ela responde “adeus”. Este, apesar de ser o terceiro adeus registrado nas situações do poema, é, a rigor, o primeiro efetivo adeus de Teresa; os dois outros foram enunciados pelo homem, ela apenas ecoava uma palavra pela qual não fora responsável. Aqui, por fim, as duas possibilidades do emprego das aspas se concretizam: reprodução de uma fala, que todavia era de um falso adeus, adeus entre aspas, na medida em que o amante sempre retornava. O adeus verdadeiro quem o diz é Teresa, ironicamente devolvendo

ao homem, como verdade, o mesmo signo que dele havia recebido, como mentira.

A última estrofe refaz, com ironia, a cena do início – o baile, a música, o amor – mas com nova configuração. *Ela*, a mulher idealizada com maiúscula e itálico, já era personagem de outra história, desfazendo o mito romântico do amor eterno (o que tinha sido “vez primeira” deveria perenizar-se sem conhecer a “última vez”). Revertendo a conduta de mulher submissa à ordem masculina, Teresa, que foi vermelha na estrofe um, tornou-se pálida na dois, e agora é branca de espanto na quatro, passa a afirmar-se como dona de seu desejo e de seu discurso: cabe-lhe enunciar o adeus final, e, dado importante, pela primeira vez a voz feminina se antecipa à fala masculina.

No fim, enquanto Teresa valsava, o poeta “dançou”. O baile, aliás, sempre representou um território privilegiado para o regime de trocas e substituições, e não apenas amorosas. Que episódio entre nós simboliza melhor a mudança de um regime político por outro, senão o famoso “baile da Ilha Fiscal”, em 9 de novembro de 1889, quando saía de cena a velha Monarquia para a entrada da jovem República? No terreno literário, o baile de Teresa também representou uma transição: a do velho regime romântico para o novo regime realista, renunciado pelo vigor da lírica de Castro Alves.

Ouvimos então o adeus de Teresa, mas nos resta outro adeus a ouvir: o de Castro Alves.

Ele, há mais de ano separado de Eugênia, já mutilado com a amputação de um pé, vai ao teatro, disfarçado, assistir pela última vez a uma representação da ex (e sempre) amada. Logo depois, escreve “*Adeus*”, confissão dolorosa, em que arte e vida se misturam:

Em meio aos risos e às festas
E às gargalhadas da orquestra
Que eu tinha esquecido, enfim,
Tomei lugar!... Solitário
[...]A orquestra, as luzes, o teatro, as flores
Tu no meio da festa que fulgura,
Tu! sempre a mesma! a mesma! Tu! meu Deus!
Não morri neste instante de loucura...
[...]Tu vais em busca da aurora!
Eu, em busca do poente!
Queres o leito brilhante!
Eu peço a cova silente!
[...]Sinto que eu vou morrer! Posso, portanto,
A verdade dizer-te santa e nua:
Não quero mais teu amor! Porém minh'alma
Aqui, além, mais longe, é sempre tua.²

Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1869.

Quase fecha-se a cortina, porém uma derradeira voz se insinua. Existe ainda um derradeiro adeus... O último deles é o de uma mulher, uma poetisa: Eugênia Câmara, com dois livros publicados, que também enunciou sua despedida a esse amor, lamentando o desfecho da relação, num poema que dialoga com os dois adeuses de Castro Alves:

² ALVES, Castro. Adeus. In: ---. *op. cit.*, p. 448.

Aquela noite... Oh! Silêncio
Noite de fel e de amor
Em que dentro de duas almas
Houve um poema de dor.
[...]A multidão nos sorria
E o meu ser estava contigo
Nesse olhar belo e sereno
Minh'alma encontrou abrigo.
[...]Eras o anjo d'outra hora
E eu cairia a teus pés
Se inda mesmo moribundo
Tu me dissesses – Talvez!...
[...]Adeus!! Se um dia o Destino
Nos fizer inda encontrar
Como irmã ou como amante
Sempre! Sempre! me hás de achar.³

Catete, 17 [de novembro de 1869], 2 horas da noute. Adeus!!!

Como na vida que imita a arte, a palavra final – o adeus – é de Eugênia, escrevendo sobre os desatinos do destino, na solidão de uma madrugada de primavera, na cidade do Rio de Janeiro.

Agora, sim, e para sempre, termina o baile, cala-se a orquestra e desce o pano.

³ CÂMARA, Eugênia. Adeus. Manuscrito na Fundação Biblioteca Nacional.

Antologia



Poemas de amor

Adormecida

Uma noite, eu me lembro... Ela dormia
Numa rede encostada molemente...
Quase aberto o roupão... solto o cabelo
E o pé descalço do tapete rente.

'Stava aberta a janela. Um cheiro agreste
Exalavam as silvas da campina...
E ao longe, num pedaço do horizonte,
Via-se a noite plácida e divina.

De um jasmineiro os galhos encurvados,
Indiscretos entravam pela sala,
E de leve oscilando ao tom das auras,
Iam na face trêmulos – beijá-la.

Era um quadro celeste!... A cada afago
Mesmo em sonhos a moça estremecia...
Quando ela serenava... a flor beijava-a...
Quando ela ia beijar-lhe... a flor fugia...

Dir-se-ia que naquele doce instante
Brincavam duas cândidas crianças...
A brisa, que agitava as folhas verdes,
Fazia-lhe ondear as negras tranças!

E o ramo ora chegava ora afastava-se...
Mas quando a via despeitada a meio,
P'ra não zangá-la... sacudia alegre
Uma chuva de pétalas no seio...

Eu, fitando esta cena, repetia
Naquela noite lânguida e sentida:
“Ó flor! – tu és a virgem das campinas!
“Virgem! – tu és a flor da minha vida!...”

São Paulo, novembro de 1868.

Tirana

“Minha Maria é bonita,
Tão bonita assim não há;
O beija-flor quando passa
Julga ver o manacá

“Minha Maria é morena,
Como as tardes de verão;
Tem as tranças da palmeira
Quando sopra a viração.

“Companheiros! O meu peito
Era um ninho sem senhor;
Hoje tem um passarinho
P’ra cantar o seu amor.

“Trovadores da floresta!
Não digam a ninguém, não!...
Que Maria é a baunilha
Que me prende o coração.

“Quando eu morrer só me enterrem
Junto às palmeiras do val,
Para eu pensar que é Maria
Que geme no taquaral...”

Boa noite

Boa noite, Maria! Eu vou-me embora.
A lua nas janelas bate em cheio...
Boa noite, Maria! É tarde... é tarde...
Não me apertes assim contra teu seio.

Boa noite!... E tu dizes – Boa noite.
Mas não digas assim por entre beijos...
Mas não mo digas descobrindo o peito,
– Mar de amor onde vagam meus desejos.

Julietta do céu! Ouve... a *calhandra*
Já rumoreja o canto da matina.
Tu dizes que eu menti?... pois foi mentira...
... Quem cantou foi teu hálito, divina!

Se a estrela-d'alva os derradeiros raios
Derrama *nos jardins do Capuleto*,
Eu direi, me esquecendo d'alvorada:
“É noite ainda em teu cabelo preto...”

É noite ainda! Brilha na cambraia
– Desmanchado o roupão, a espádua nua –
O globo de teu peito entre os arminhos
Como entre as névoas se balouça a lua...

É noite, pois! Durmamos, Julietta!
Recende a alcova ao trescalar das flores,
Fechemos sobre nós estas cortinas...
– São as asas do arcanjo dos amores.

A frouxa luz da alabastrina lâmpada
Lambe voluptuosa os teus contornos...
Oh! Deixa-me aquecer teus pés divinos
Ao doudo afago de meus lábios mornos.

Mulher do meu amor! Quando aos meus beijos
Treme tua alma, como a lira ao vento,
Das teclas de teu seio que harmonias,
Que escalas de suspiros, bebo atento!

Ai! Canta a cavatina do delírio,
Ri, suspira, soluça, anseia e chora...
Marion! Marion!... É noite ainda.
Que importa os raios de uma nova aurora?!...

Como um negro e sombrio firmamento,
Sobre mim desenrola teu cabelo...
E deixa-me dormir balbuciando:
– Boa noite! –, formosa Consuelo...

São Paulo, 27 de agosto de 1868.

Canção do boêmio

(Recitativo da “Meia hora de cinismo”)

Comédia de costumes acadêmicos

Música de Emílio do Lago

Que noite fria! Na deserta rua
Tremem de medo os lampiões sombrios.
Densa *garoa* faz fumar a lua,
Ladram de tédio vinte cães vadios.

Nini formosa! por que assim fugiste?
Embalde o tempo à tua espera conto.
Não vês, não vês?... Meu coração é triste
Como um calouro quando leva *ponto*.

A passos largos eu percorro a sala
Fumo um cigarro, que filei na *escola*...
Tudo no quarto de Nini me fala
Embalde fumo... tudo aqui me *amola*.

Diz-me o relógio *cinicando* a um canto
“Onde está ela que não veio ainda?”
Diz-me a poltrona “por que tardas tanto?
Quero aquecer-te, rapariga linda.”

Em vão a luz da crepitante vela
De Hugo clareia uma canção ardente;
Tens um idílio – em tua fronte bela...
Um ditirambo – no teu seio quente...

Pego o compêndio... inspiração sublime
P’ra adormecer... inquietações tamanhas...
Violei à noite o domicílio, ó crime!
Onde dormia uma nação... de aranhas...

• • • • •

Morrer de frio quando o peito é brasa...
Quando a paixão no coração se aninha!?...
Vós todos, todos, que dormis em casa,
Dizei se há dor, que se compare à minha!...

Nini! o horror deste sofrer pungente
Só teu sorriso neste mundo acalma...
Vem aquecer-me em teu olhar ardente...
Nini! tu és o *cache-nez* dest'alma.

Deus do Boêmio!... São da mesma raça
As andorinhas e o meu anjo louro...
Fogem de mim se a *primavera* passa
Se já nos campos não há flores de *ouro*...

E tu fugiste, pressentindo o inverno.
Mensal inverno do viver boêmio...
Sem te lembrar que por um riso terno
Mesmo eu tomara a *primavera* a *prêmio*...

No entanto ainda do Xerez fogoso
Duas garrafas guardo ali... *Que minas!*
Além de um lado o violão saudoso
Guarda no seio inspirações divinas...

Se tu viesses... de meus lábios tristes
Rompera o canto... Que esperança inglória...
Ela esqueceu o que jurar lhe vistes
Ó Pauliceia, ó Ponte-grande, ó Glória!...

• • • • •

Batem!... que vejo! Ei-la afinal comigo...
Foram-se as trevas... fabricou-se a luz...
Nini! pequei... dá-me exemplar castigo!
Sejam teus braços... do martírio a cruz!...

São Paulo, junho de 1868.

Murmúrios da tarde

*Écoute! tout se tait; songe à ta bien-aimée,
Ce soir, sous les tilleuls, à la sombre ramée,
Le rayon du couchant laisse un adieu plus doux;
Ce soir, tout va fleurir: l'immortelle nature
Se remplit de parfums, d'amour et de murmure,
Comme le lit joyeux de deux jeunes époux.*

A. de Musset

Rosa! Rosa de amor purpúrea e bela!

Garrett

Ontem à tarde, quando o sol morria,
A natureza era um poema santo,
De cada moita a escuridão saía,
De cada gruta rebentava um canto,
Ontem à tarde, quando o sol morria.

Do céu azul na profundez escura
Brilhava a estrela, como um fruto louro,
E qual a foice, que no chão fulgura,
Mostrava a lua o semicirc'lo d'ouro,
Do céu azul na profundez escura.

Larga harmonia embalsamava os ares!
Cantava o ninho – suspirava o lago...
E a verde pluma dos sutis palmares
Tinha das ondas o murmúrio vago...
Larga harmonia embalsamava os ares.

Era dos seres a harmonia imensa,
Vago concerto de saudade infinda!
“Sol – não me deixes”, diz a vaga extensa,
“Aura – não fujas”, diz a flor mais linda;
Era dos seres a harmonia imensa!

“Leva-me! leva-me em teu seio amigo”

Dizia às nuvens o choroso orvalho,

“Rola que foges”, diz o ninho antigo,

Leva-me ainda para um novo galho...

Leva-me! leva-me em teu seio amigo.”

“Dá-me inda um beijo, antes que a noite venha!

Inda um calor, antes que chegue o frio...”

E mais o musgo se conchega à penha

E mais à penha se conchega o rio...

“Dá-me inda um beijo, antes que a noite venha!”

E tu no entanto no jardim vagavas,

Rosa de amor, celestial Maria...

Ai! como esquivas sobre o chão pisavas,

Ai! como alegre a tua boca ria...

E tu no entanto no jardim vagavas.

Eras a estrela transformada em virgem!

Eras um anjo, que se fez menina!

Tinhas das aves a celeste origem.

Tinhas da lua a palidez divina,

Eras a estrela transformada em virgem!

Flor! Tu chegaste de outra flor mais perto,

Que bela rosa! que fragrância meiga!

Dir-se-ia um riso no jardim aberto,

Dir-se-ia um beijo, que nasceu na veiga...

Flor! Tu chegaste de outra flor mais perto!...

E eu, que escutava o conversar das flores,

Ouvi que a rosa murmurava ardente:

“Colhe-me, ó virgem, – não terei mais dores,

Guarda-me, ó bela, no teu seio quente...”

E eu escutava o conversar das flores.

“Leva-me! leva-me, ó gentil Maria!”
Também então eu murmurei cismando...
“Minh'alma é rosa, que a geada esfria...
Dá-lhe em teus seios um asilo brando...
“Leva-me! leva-me, ó gentil Maria!...”

Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1869.

O gondoleiro do amor

Barcarola

Dama-Negra

Teus olhos são negros, negros,
Como as noites sem luar...
São ardentes, são profundos,
Como o negrume do mar;

Sobre o barco dos amores,
Da vida boiando à flor,
Douram teus olhos a fronte
Do Gondoleiro do amor.

Tua voz é cavatina
Dos palácios de Sorrento,
Quando a praia beija a vaga,
Quando a vaga beija o vento.

E como em noites de Itália
Ama um canto o pescador,
Bebe a harmonia em teus cantos
O Gondoleiro do amor.

Teu sorriso é uma aurora
Que o horizonte enrubesceu,
– Rosa aberta com o biquinho
Das aves rubras do céu;

Nas tempestades da vida
Das rajadas no furor,
Foi-se a noite, tem auroras
O Gondoleiro do amor.

Teu seio é vaga dourada
Ao túbio clarão da lua,
Que, ao murmúrio das volúpias,
Arqueja, palpita nua;

Como é doce, em pensamento,
Do teu colo no langor
Vogar, naufragar, perder-se
O Gondoleiro do amor!?

Teu amor na treva é – um astro,
No silêncio uma canção,
É brisa – nas calmarias,
É abrigo – no tufão;

Por isso eu te amo, querida,
Quer no prazer, quer na dor...
Rosa! Canto! Sombra! Estrela!
Do Gondoleiro do amor.

Recife, janeiro de 1867.

Os anjos da meia-noite

Fotografias

Quando a insônia, qual lívido vampiro,
Como o arcanjo da guarda do Sepulcro,
Vela à noite por nós,
E banha-se em suor o travesseiro,
E além geme nas franças do pinheiro
Da brisa a longa voz...

Quando sangrenta a luz no alampadário
Estala, cresce, expira, após ressurgir,
Como uma alma a penar;
E canta aos guizos rubros da loucura
A febre – a meretriz da sepultura –
A rir e a soluçar...

Quando tudo vacila e se evapora,
Muda e se anima, vive e se transforma,
Cambaleia e se esvai...
E da sala na mágica penumbra
Um mundo em trevas rápido se obumbra...
E outro das trevas sai...

• • • • •

Então... nos brancos mantos, que arregaçam
Da meia-noite os Anjos alvos passam
Em longa procissão!
E eu murmuro ao fitá-los assombrado:
São os Anjos de amor de meu passado
Que desfilando vão...

Almas, que um dia no meu peito ardente
Derramastes dos sonhos a semente,
Mulheres, que eu amei!
Anjos louros do céu! virgens serenas!
Madonas, Querubins ou Madalenas!
Surgi! Aparecei!

Vinde, fantasmas! Eu vos amo ainda;
Acorde-se a harmonia à noite infinda
Ao roto bandolim...

• • • • •

E no éter, que em notas se perfuma,
As visões s'alteando uma por uma,
Vão desfilando assim!...

1ª Sombra

Marieta

Como o gênio da noite, que desata
O véu de rendas sobre a espádua nua,
Ela solta os cabelos... Bate a lua
Nas alvas dobras de um lençol de prata...

O seio virginal, que a mão recata,
Embalde o prende a mão... cresce, flutua...
Sonha a moça ao relento... Além na rua
Preludia um violão na serenata!...

... Furtivos passos morrem no lajedo...
Resvala a escada do balcão discreta
Matam lábios os beijos em segredo...

Afoga-me os suspiros, Marieta!
Ó surpresa! ó palor! ó pranto! ó medo!
Ai! noites de Romeu e Julieta!...

2ª Sombra

Bárbora

Erguendo o cálix, que o Xerez perfuma,
Loura a traça alastrando-lhe os joelhos,
Dentes níveis em lábios tão vermelhos,
Como boiando em purpurina espuma;

Um dorso de Valquíria... alvo de bruma,
Pequenos pés sob infantis artelhos,
Olhos vivos, tão vivos como espelhos,
Mas como eles também sem chama alguma;

Garganta de um palor alabastrino,
Que harmonias e músicas respira...
No lábio – um beijo... – no beijar– um hino;

Harpa eólia a esperar que o vento a fira,
– Um pedaço de mármore divino...
– É o retrato de Bárbora – a Hetaíra.

3ª Sombra

Ester

Vem! no teu peito cálido e brilhante
O nardo oriental melhor transpira!...
Enrola-te na longa cachemira,
Como as Judias moles do Levante.

Alva a clâmide aos ventos – roçagante...
Túmido o lábio, onde o saltério gira...
Ó musa de Israel! pega da lira...
Canta os martírios de teu povo errante!

Mas não... brisa da pátria além revoa,
E, ao delamber-lhe o braço de alabastro,
Falou-lhe de partir... e parte... e voa...

Qual nas algas marinhas desce um astro...
Linda Ester! teu perfil se esvai... s'escoa...
Só me resta um perfume... um canto... um rastro...

4ª Sombra

Fabíola

Como teu riso dói... como na treva
Os lêmures respondem no infinito:
Tens o aspecto do pássaro maldito,
Que em sânie de cadáveres se ceva!

Filha da noite! A ventania leva
Um soluço de amor pungente, aflito...
Fabíola! É teu nome!... Escuta... é um grito,
Que lacerante para os céus s'eleva!...

E tu folgas, Bacante dos amores,
E a orgia, que a mantilha te arregaça,
Enche a noite de horror, de mais horrores...

É sangue, que referve-te na taça!
É sangue, que borriфа-te estas flores!
E este sangue é meu sangue... é meu... Desgraça!

5ª e 6ª Sombras

Cândida e Laura

Como no tanque de um palácio mago
Dois alvos cisnes na bacia lisa,
Como nas águas, que o barqueiro frisa,
Dois nenúfares sobre o azul do lago,

Como nas hastes em balouço vago
Dois lírios roxos, que acalenta a brisa,
Como um casal de juritis, que pisa
O mesmo ramo no amoroso afago...

Quais dois planetas na cerúlea esfera,
Como os primeiros pâmpanos das vinhas,
Como os renovos nos ramais da hera,

Eu vos vejo passar nas noites minhas,
Crianças, que trazeis-me a primavera...
Crianças, que lembrais-me as andorinhas!...

7ª Sombra

Dulce

Se houvesse ainda talismã bendito
Que desse ao pântano – a corrente pura,
Musgo – ao rochedo, festa – à sepultura,
Das águias negras – harmonia ao grito...

Se alguém pudesse ao infeliz precito
Dar lugar no banquete da ventura...
E trocar-lhe o velar da insônia escura
No poema dos beijos – infinito...

Certo... serias tu, donzela cesta,
Quem me tomasse em meio do Calvário
A cruz de angústia, que o meu ser arrasta!...

Mas se tudo recusa-me o fadário,
Na hora de expirar, ó Dulce, basta
Morrer beijando a cruz de teu rosário!...

8ª Sombra

Último fantasma

Quem és tu, quem és tu, vulto gracioso,
Que te elevas da noite na orvalhada?
Tens a face nas sombras mergulhada...
Sobre as névoas te libras vaporoso...

Baixas do céu num voo harmonioso!...
Quem és tu, bela e branca desposada?
Da laranjeira em flor a flor nevada
Cerca-te a fronte, ó ser misterioso!...

Onde nos vimos nós?... És doutra esfera?
És o ser que eu busquei do sul ao norte...
Por quem meu peito em sonhos desespera?...

Quem é tu? Quem és tu? – É minha sorte!
És talvez o ideal que est'alma espera!
És a glória talvez! Talvez a morte!...

Santa Isabel, agosto de 1870.

O “adeus” de Teresa

A vez primeira que eu fitei Teresa,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A valsa nos levou nos giros seus...
E amamos juntos... E depois na sala
“Adeus” eu disse-lhe a tremer co’a fala...

E ela, corando, murmurou-me: “adeus.”

Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...
E da alcova saía um cavaleiro
Inda beijando uma mulher sem véus...
Era eu... Era a pálida Teresa!
“Adeus” lhe disse conservando-a presa...

E ela entre beijos murmurou-me: “adeus!”

Passaram tempos... sec’los de delírio
Prazeres divinais... gozos do Empíreo...
... Mas um dia volvi aos lares meus.
Partindo eu disse – “Voltarei!... descansa!...”
Ela, chorando mais que uma criança,

Ela em soluços murmurou-me: “adeus!”

Quando voltei... era o palácio em festa!...
E a voz d’Ela e de um homem lá na orquesta
Preenchiam de amor o azul dos céus.
Entrei!... Ela me olhou branca... surpresa!
Foi a última vez que eu vi Teresa!...

E ela arquejando murmurou-me: “adeus!”

São Paulo, 28 de agosto de 1868.

Hebreia

Flos campi et lilium convallium.

(Cântico dos cânticos)

Pomba d'esp'rança sobre um mar d'escolhos!
Lírio do vale oriental, brilhante!
Estrela vésper do pastor errante!
Ramo de murta a recender cheirosa!...

Tu és, ó filha de Israel formosa...
Tu és, ó linda, sedutora Hebreia...
Pálida rosa da infeliz Judeia
Sem ter o orvalho, que do céu deriva!

Por que descoras, quando a tarde esquiva
Mira-se triste sobre o azul das vagas?
Serão saudades das infindas plagas,
Onde a oliveira no Jordão se inclina?

Sonhas acaso, quando o sol declina,
A terra santa do Oriente imenso?
E as caravanas no deserto extenso?
E os pegureiros da palmeira à sombra?!...

Sim, fora belo na relvosa alfombra,
Junto da fonte, onde Raquel gemera,
Viver contigo qual Jacó vivera
Guiando escravo teu feliz rebanho...

Depois nas águas de cheiroso banho
– Como Susana a estremecer de frio –
Fitar-te, ó flor do babilônio rio,
Fitar-te a medo no salgueiro oculto...

Vem pois!... Contigo no deserto inculto,
Fugindo às iras de Saul embora,
Davi eu fora, – se Micol tu foras,
Vibrando na harpa do profeta o canto...

Não vês?... Do seio me goteja o pranto
Qual da torrente do Cédron deserto!...
Como lutara o patriarca incerto
Lutei, meu anjo, mas caí vencido.

Eu sou o lótus para o chão pendido.
Vem ser o orvalho oriental, brilhante!...
Ai! guia o passo ao viajor perdido,
Estrela vésper do pastor errante!...

Bahia, 1866.

Aves de arribação

Pensava em ti nas horas de tristeza,
Quando estes versos pálidos compus,
Cercavam-me planícies sem beleza,
Pensava-me na fronte um céu sem luz.
Ergue este ramo solto no caminho.
Sei que em teu seio asilo encontrará.
Só tu conheces o secreto espinho
Que dentro d'alma me pungindo está.

Fagundes Varela

Aves, é primavera! à rosa! à rosa!

Tomás Ribeiro

I

Era o tempo em que as ágeis andorinhas
Consultam-se na beira dos telhados,
E inquietas conversam, perscrutando
Os pardos horizontes carregados...

Em que as rolas e os verdes periquitos
Do fundo do sertão descem cantando...
Em que a tribo das aves peregrinas
Os Zíngaros do céu formam-se em bando!

Viajar! viajar! A brisa morna
Traz de outro clima os cheiros provocantes.
A primavera desafia as asas,
Voam os passarinhos e os amantes!...

II

Um dia *Eles* chegaram. Sobre a estrada
Abriram à tardinha as persianas;
E mais festiva a habitação sorria
Sob os festões das trêmulas lianas.

Quem eram? Donde vinham? – Pouco importa
Quem fossem da casinha os habitantes.
– São noivos –: as mulheres murmuravam!
E os pássaros diziam: – São amantes!

Eram vozes – que uniam-se co'as brisas!
Eram risos – que abriam-se co'as flores!
Eram mais dois clarões – na primavera!
Na festa universal – mais dous amores!

Astros! Falai daqueles olhos brandos.
Trepadeiras! Falai-lhe dos cabelos!
Ninhos d'aves!izei, naquele seio,
Como era doce um pipilar d'anelos.

Sei que ali se ocultava a mocidade...
Que o idílio cantava noite e dia...
E a casa branca à beira do caminho
Era o asilo do amor e da poesia.

Quando a noite enrolava os descampados,
O monte, a selva, a choça do serrano,
Ouviam-se, alongando à paz dos ermos,
Os sons doces, plangentes de um piano.

Depois suave, plena, harmoniosa
Uma voz de mulher se alevantava...
E o pássaro inclinava-se das ramas
E a estrela do infinito se inclinava.

E a voz cantava o *tremolo* medroso
De uma ideal sentida *barcarola*...
Ou nos ombros da noite desfolhava
As notas petulantes da Espanhola!

III

Às vezes, quando o sol nas matas virgens
A fogueira das tardes acendia,
E como a ave ferida ensanguentava
Os píncaros da longa serra,

Um grupo destacava-se amoroso,
Tendo por tela a opala do infinito,
Dupla estátua do amor e mocidade
Num pedestal de musgos e granito.

E embaixo o vale a descantar saudoso
Na cantiga das moças lavadeiras!...
E o riacho a sonhar nas canas bravas.
E o vento a s'embalar nas canas trepadeiras.

Ó crepúsculos mortos! Voz dos ermos!
Montes azuis! Sussurros da floresta!
Quando mais vós tereis tantos afetos
Vicejando convosco em vossa festa?...

E o sol poente inda lançava um raio
Do *caçador* na longa carabina...
E sobre a fronte d'Ela por diadema
Nascia ao longe a estrela vespertina.

IV

É noite! Treme a lâmpada medrosa
Velando a longa noite do *poeta*...
Além, sob as cortinas transparentes
Ela dorme... formosa Julieta!

Entram pela janela quase aberta
Da meia-noite os preguiçosos ventos
E a lua beija o seio alvinhento
– Flor que abraça das noites aos relentos.

O Poeta trabalha!... A fronte pálida
Guarda talvez fatídica tristeza...
Que importa? A inspiração lhe acende o verso
Tendo por musa – o amor e a natureza!

E como o cactus desabrocha a medo
Das noites tropicais na mansa calma,
A estrofe entreabre a pétala mimosa
Perfumada da essência de sua alma.

No entanto Ela desperta... num sorriso
Ensaia um beijo que perfuma a brisa...
... A Casta-diva apaga-se nos montes...
Luar de amor! acorda-te, Adalgisa!

V

Hoje a casinha já não abre à tarde
Sobre a estrada as alegres persianas.
Os ninhos desabaram... no abandono
Murcharam-se as grinaldas de lianas.

Que é feito do viver daqueles tempos?
Onde estão da casinha os habitantes?
... A Primavera, que arrebatou as asas...
Levou-lhe os passarinhos e os amantes!...

Curralinho, 1870.

É tarde!

Olha-me, ó virgem, a fronte!
Olha-me os olhos sem luz!
A palidez do infortúnio
Por minhas faces transluz;
Olha, ó virgem – não te iludas –
Eu só tenho a lira e a cruz.

Junqueira Freire

É tarde! É muito tarde!

Mont'Alverne

É tarde! É muito tarde! O templo é negro...
O fogo-santo já no altar não arde.
Vestal! não venhas tropeçar nas piras...
É tarde! É muito tarde!

Treda noite! E minh'alma era o sacrário,
A lâmpada do amor velada entanto,
Virgem flor enfeitava a borda virgem
Do vaso sacrossanto.

Quando Ela veio – a negra feiticeira –
A libertina, lúgubre bacante,
Lascivo olhar, a traça desgrenhada,
A roupa gotejante.

Foi minha crença – o vinho dessa orgia,
Foi minha vida – a chama que apagou-se,
Foi minha mocidade – o toro lúbrico,
Minh'alma – o tredo alcouce.

E tu, visão do céu! Vens tateando
O abismo onde uma luz sequer não arde?
Ai! não vás resvalar no chão lodoso...
É tarde! É muito tarde!

Ai! não queiras os restos do banquete!
Não queiras esse leito conspurcado!
Sabes? meu beijo te manchara os lábios
Num beijo profanado.

A flor do lírio de celeste alvura
Quer da Lucíola o pudico afago...
O cisne branco no arrufar das plumas
Quer o aljôfar do lago.

É tarde! A rola meiga do deserto
Faz o ninho na moita perfumada...
Rola de amor! não vás ferir as asas
Na ruína gretada.

Como o templo, que o crime encheu de espanto,
Ermo e fechado ao fustigar do norte,
Nas ruínas desta alma a raiva geme...
E cresce o cardo – a morte.

Ciúme! dor! sarcasmo! – Aves da noite!
Vós povoais-me a solidão sombria,
Quando nas trevas a tormenta ulula
Um uivo de agonia!...

• • • • •

É tarde! Estrela-d'alva! o lago é turvo.
Dançam *fogos* no pântano sombrio.
Pede a Deus que dos céus as cataratas
Façam do brejo – um rio!

Mas não...! Somente as vagas do sepulcro
Hão de apagar o fogo que em mim arde...
Perdoa-me, Senhora!... Eu sei que morro...
É tarde! É muito tarde!...

Rio de Janeiro, 3 de novembro de 1869.

O hóspede

“Onde vais estrangeiro! Por que deixas
O solitário albergue do deserto?
O que buscas além dos horizontes?
Por que transpor o píncaro dos montes,
Quando podes achar o amor tão perto?...

Pálido moço! Um dia tu chegaste
De outros climas, de terras bem distantes...
Era noite!... A tormenta além rugia...
Nos abetos da serra a ventania
Tinha gemidos longos, delirantes.

Uma buzina restrugiu no vale
Junto aos barrancos onde geme o rio...
De teu cavalo o galopar soava,
E teu cão ululando replicava
Aos surdos roncões do trovão bravio.

Entraste! A loura chama do brasido
Lambia um velho cedro crepitante,
Eras tão triste ao lume da fogueira...
Que eu derramei a lágrima primeira
Quando enxuguei teu manto gotejante!

Onde vais, estrangeiro? Por que deixas
Esta infeliz, misérrima cabana?
Inda as aves te afagam do arvoredor...
Se quiseses... as flores do silvedo
Verás inda nas tranças da serrana.

Queres voltar a este país maldito
Onde a alegria e o riso te deixaram?
Eu não sei tua história... mas que importa?...
... Boia em teus olhos a esperança morta
Que as mulheres de lá te apunhalaram.

Não partas, não! Aqui todos te querem!
Minhas aves amigas te conhecem.
Quando à tardinha volves da colina
Sem receio da longa carabina
De lajedo em lajedo as corças descem!

Teu cavalo nitrindo na savana
Lambe as úmidas gramas em meus dedos,
Quando a *fanfarra* tocas na montanha,
A matilha dos ecos te acompanha
Ladrando pela ponta dos penedos.

Onde vais, belo moço? Se partires
Quem será teu amigo, irmão e pajem?
E quando a negra insônia te devora,
Quem, na guitarra que suspira e chora,
Há de cantar-te seu amor selvagem?

A choça do desterro é nua e fria
O caminho do exílio é só de abrolhos
Que família melhor que meus desvelos?...
Que tenda mais sutil que meus cabelos
Estrelados no pranto de teus olhos?...

Estranho moço! Eu vejo em tua fronte
Esta amargura atroz que não tem cura.
Acaso fulge ao sol de outros países,
Por entre as balças de cheirosos lises,
A esposa que tua alma assim procura?

Talvez tenhas além servos e amantes,
Um palácio em lugar de uma choupana,
E aqui só tens uma guitarra e um beijo,
E o fogo ardente de ideal desejo
Nos seios virgens da infeliz serrana!...”

• • • • •

No entanto Ele partiu!... Seu vulto ao longe
Escondeu-se onde a vista não alcança...
... Mas não penseis que o triste forasteiro
Foi procurar nos lares do estrangeiro
O fantasma sequer de uma esperança!...

Curralinho, 29 de abril de 1870.

O laço de fita

Não sabes, criança? 'Stou louco de amores...
Prendi meus afetos, formosa Pepita.
Mas onde? No tempo, no espaço, nas névoas?!
Não rias, prendi-me
Num laço de fita.

Na selva sombria de tuas madeixas,
Nos negros cabelos da moça bonita,
Fingindo a serpente qu'enlaça a folhagem,
Formoso enroscava-se
O laço de fita.

Meu ser, que voava nas luzes da festa,
Qual pássaro bravo, que os ares agita,
Eu vi de repente cativo, submisso
Rolar prisioneiro
Num laço de fita.

E agora enleada na tênue cadeia
Debalde minh'alma se embate, se irrita...
O braço, que rompe cadeias de ferro,
Não quebra teus elos,
Ó laço de fita!

Meu Deus! As falenas têm asas de opala,
Os astros se libram na plaga infinita.
Os anjos repousam nas penas brilhantes...
Mas tu... tens por asas
Um laço de fita.

Há pouco voavas na célere valsa,
Na valsa que anseia, que estua e palpita.
Por que é que tremeste? Não eram meus lábios...
Beijava-te apenas...
Teu laço de fita.

Mas aí! findo o baile, despindo os adornos
N'alcova onde a vela ciosa... crepita,
Talvez da cadeia libertes as tranças
Mas eu... fico preso
No laço de fita.

Pois bem! Quando um dia na sombra do vale
Abrirem-me a cova... formosa Pepita!
Ao menos arranca meus louros da fronte,
E dá-me por c'roa...
Teu laço de fita.

São Paulo, julho de 1868.



*Poemas da liberdade
e da escravidão*

O navio negreiro (Tragédia no mar)

I

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar – dourada borboleta –
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardências,
– Constelações do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...

'Stamos em pleno mar... Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas...

Donde vem? onde vai? Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
Neste Saara os corcéis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço.

Bem feliz quem ali pode nest'hora
Sentir deste painel a majestade!...
Embaixo – o mar... em cima – o firmamento...
E no mar e no céu – a imensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
Que música suave ao longe soa!
Meu Deus! como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Homens do mar! ó rudes marinheiros,
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
No berço destes pélagos profundos!

Esperai! esperai! deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia...
Orquestra – é o mar, que ruge pela proa,
E o vento, que nas cordas assobia...

• • • • •

Por que foges assim, barco ligeiro?
Por que foges do pávido poeta?
Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
Que semelha no mar – doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
Tu que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as penas, Leviatã do espaço,
Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas.

II

Que importa do nauta o berço,
Donde é filho, qual seu lar?
Ama a cadência do verso
Que lhe ensina o velho mar!
Cantai! que a morte é divina!
Resvala o brigue à bolina
Como golfinho veloz.
Preso ao mastro da mezena
Saudosa bandeira acena
Às vagas que deixa após.

Do Espanhol as cantilenas
Requebradas de langor
Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flor!
Da Itália o filho indolente
Canta Veneza dormente
– Terra de amor e traição,
Ou do golfo no regaço
Relembra os versos de Tasso,
Junto às lavas do Vulcão!

O Inglês – marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou,
(Porque a Inglaterra é um navio,
Que Deus na Mancha ancorou),
Rijo entoa pátrias glórias,
Lembrando, orgulhoso, histórias
De Nelson e de Aboukir.
O Francês – predestinado –
Canta os louros do passado
E os loureiros do porvir...

Os marinheiros Helenos,
Que a vaga jônia criou,
Belos piratas morenos
Do mar que Ulisses cortou,
Homens que Fídias talhara,
Vão cantando em noite clara
Versos que Homero gemeu...
... Nautas de todas as plagas,
Vós sabeis achar nas vagas
As melodias do céu!...

III

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
Desce mais... inda mais... não pode o olhar humano
Como o teu mergulhar no brigue voador.
Mas que vejo eu ali... que quadro de amarguras!
Que cena funeral!... que tétricas figuras!...
Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!

IV

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas, espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Preso nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que de martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,
E após, fitando o céu que se desdobra,
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
“Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!...”

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
 Faz doudas espirais!
Qual um sonho dantesco as sombras voam...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
 E ri-se Satanás!...

V

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus...
Ó mar! por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!...

Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?
Quem são?... Se a estrela se cala,
Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa libérrima, audaz!...

São os filhos do deserto
Onde a terra esposa a luz.
Onde vive em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão...
Ontem simples, fortes, bravos.
Hoje míseros escravos,
Sem luz, sem ar, sem razão...

São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi também.
Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe vêm...
Trazendo com túbios passos,
Filhos e algemas nos braços,
N'alma – lágrimas e fel.
Como Agar sofrendo tanto,
Que nem o leite de pranto
Têm que dar para Ismael...

Lá nas areias infindas,
Das palmeiras no país,
Nasceram crianças lindas,
Viveram moças gentis...
Passa um dia a caravana,
Quando a virgem na cabana
Cisma da noite nos véus...
... Adeus, ó choça do monte,...
... Adeus, palmeiras da fonte!...
... Adeus, amores... adeus!...

Depois, o areal extenso...
Depois, o oceano de pó...
Depois no horizonte imenso
Desertos... desertos só...
E a fome, o cansaço, a sede...
Ai! quanto infeliz que cede,
E cai p'ra não mais s'erguer!...
Vaga um lugar na cadeia,
Mas o chacal sobre a areia
Acha um corpo que roer...

Ontem a Serra Leoa,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormido à toa
Sob as tendas d'amplidão!
Hoje... o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar...

Ontem plena liberdade,
A vontade por poder...
Hoje... cum'lo de maldade,
Nem são livres p'ra... morrer.
Prende-os a mesma corrente
– Férrea, lúgubre serpente –
Nas roscas da escravidão.
E assim zombando da morte,
Dança a lúgubre coorte
Ao som do açoute... Irrisão!...

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus?!...
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
Do teu manto este borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!...

VI

E existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?
Silêncio. Musa... chora, chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto...

Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas,
Como um íris no pélago profundo!
Mas é infâmia demais!...Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

São Paulo, 18 de abril de 1868.

Vozes d'África

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
 Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
 Onde estás, Senhor Deus?...

Qual Prometeu tu me amarraste um dia
Do deserto na rubra penedia
 – Infinito: galé!...
Por abutre – me deste o sol candente,
E a terra de Suez – foi a corrente
 Que me ligaste ao pé...

O cavalo estafado do Beduíno
Sob a vergasta tomba ressupino
 E morre no areal.
Minha garupa sangra, a dor poreja,
Quando o chicote do *simoun* dardeja
 O teu braço eternal.

Minhas irmãs são belas, são ditosas...
Dorme a Ásia nas sombras voluptuosas
 Dos *haréns* do Sultão.
Ou no dorso dos brancos elefantes
Embala-se coberta de brilhantes
 Nas plagas do Hindustão.

Por tenda tem os cimos do Himalaia...
Ganges amoroso beija a praia
 Coberta de corais...
A brisa de Misora o céu inflama;
E ela dorme nos templos do Deus Brama,
 – Pagodes colossais...

A Europa é sempre Europa, a gloriosa!...
A mulher deslumbrante e caprichosa,
 Rainha e cortesã.
Artista – corta o mármore de Carrara;
Poetisa – tange os hinos de Ferrara,
 No glorioso afã!...

Sempre a láurea lhe cabe no litígio...
Ora uma c'roa, ora o barrete frígio
 Enflora-lhe a cerviz.
O Universo após ela – doudo amante
Segue cativo o passo delirante
 Da grande meretriz.

• • • • •

Mas eu, Senhor!... Eu triste abandonada
Em meio das areias esgarrada,
 Perdida marchou em vão!
Se choro... bebe o pranto a areia ardente;
talvez... p'ra que meu pranto, ó Deus clemente!
 Não descubras no chão...

E nem tenho uma sombra de floresta...
Para cobrir-me nem um templo resta
 No solo abrasador...
Quando subo às Pirâmides do Egito
Embalde aos quatro céus chorando grito:
 “Abriga-me, Senhor!...”

Como o profeta em cinza a fronte envolve,
Velo a cabeça no areal que volve
 O siroco feroz...
Quando eu passo no Saara amortalhada...
Ai! dizem: “Lá vai África embuçada
 No seu branco albornoz...”

Nem veem que o deserto é meu sudário,
Que o silêncio campeia solitário
 Por sobre o peito meu.
Lá no solo onde o cardo apenas medra
Boceja a Esfinge colossal de pedra
 Fitando o morno céu.

De Tebas nas colunas derrocadas
As cegonhas espiam debruçadas
 O horizonte sem fim...
Onde branqueia a caravana errante,
E o camelo monótono, arquejante
 Que desce de Efraim

• • • • •

Não basta inda de dor, ó Deus terrível?!
É, pois, teu peito eterno, inexaurível
 De vingança e rancor?...
E que é que fiz, Senhor? que torvo crime
Eu cometi jamais que assim me oprime
 Teu gládio vingador?!

• • • • •

Foi depois do *dilúvio*... um viandante,
Negro, sombrio, pálido, arquejante,
 Descia do Arará...
E eu disse ao peregrino fulminado:
“Cam!... serás meu esposo bem-amado...
 – Serei tua Eloá...”

Desde este dia o vento da desgraça
Por meus cabelos ululando passa
 O anátema cruel.
As tribos erram do areal nas vagas,
E o Nômade faminto corta as plagas
 No rápido corcel.

Vi a ciência desertar do Egito...
Vi meu povo seguir – Judeu maldito –
Trilho de perdição.
Depois vi minha prole desgraçada
Pelas garras d'Europa – arrebatada –
Amestrado falcão!...

Cristo! embalde morreste sobre um monte...
Teu sangue não lavou de minha fronte
A mancha original.
Ainda hoje são, por fado adverso,
Meus filhos – alimária do universo,
Eu – pasto universal...

Hoje em meu sangue a América se nutre
– Condor que transformara-se em abutre,
Ave da escravidão,
Ela juntou-se às mais... irmã traidora
Qual de José os vis irmãos outrora
Venderam seu irmão.

Basta, Senhor! De teu potente braço
Role através dos astros e do espaço
Perdão p'ra os crimes meus!
Há dois mil anos eu soluço um grito...
Escuta o brado meu lá no infinito,
Meu Deus! Senhor, meu Deus!!...

São Paulo, 11 de junho de 1868.

A visão dos mortos

*On rapporte encore qu'un berger ayant été
Introduit une fois par un nain dans le Hyffhaese,
l'empereur (Barberousse) se leva et lui demanda
si les corbeaux volaient encore autour de la
montagne. Et, sur la réponse affirmative du
berger, il s'écria en soupirant: "Il faut donc que
je dors encore pendant cent ans!"*

H. Heine (Allemagne)

Nas horas tristes que em neblinas densas
A terra envolta num sudário dorme,
E o vento geme na amplidão celeste
– Cúpula imensa dum sepulcro enorme –,
Um grito passa despertando os ares,
Levanta as lousas invisível mão.
Os mortos saltam, poeirentos, lívidos,
Da lua pálida ao fatal clarão.

Do solo adusto do africano Saara
Surge um fantasma com soberbo passo,
Presos os braços, laureada a fronte,
Louco poeta, como fora o Tasso.
Do sul, do norte... do oriente irrompem
Dórias, Siqueiras e Machado então.
Vem Pedro Ivo no cavalo negro
Da lua pálida ao fatal clarão.

O Tiradentes sobre o poste erguido
Lá se destaca das cerúleas telas,
Pelos cabelos a cabeça erguendo,
Que rola sangue, que espadana estrelas.
E o grande Andrada, esse arquiteto ousado,
Que amassa um povo na robusta mão:
O vento agita do tribuno a toga
Da lua pálida ao fatal clarão.

A estátua range... estremecendo move-se
O rei de bronze na deserta praça.
O povo grita: Independência ou Morte!
Vendo soberbo o Imperador, que passa.
Duas coroas seu cavalo pisa,
Mas duas cartas ele traz na mão.
Por guarda de honra tem dous povos livres,
Da lua pálida ao fatal clarão.

Então, no meio de um silêncio lúgubre,
Solta este grito a legião da morte:
“Aonde a terra que talhamos livre,
Aonde o povo que fizemos forte?
Nossas mortalhas o presente inunda
No sangue escravo, que nodoa o chão.
Anchietas, Gracos, vós dormis na orgia,
Da lua pálida ao fatal clarão.

“Brutus renega a tribúncia toga,
O apost’lo cospe no Evangelho Santo,
E o Cristo – Povo, no Calvário erguido,
Fita o futuro com sombrio espanto.
Nos ninhos d’águias que nos restam? – Corvos,
Que vendo a pátria se estorcer no chão,
Passam, repassam, como alados crimes,
Da lua pálida ao fatal clarão.

“Oh! é preciso inda esperar cem anos...
Cem anos...” brada a legião da morte.
E longe, aos ecos nas quebradas trêmulas,
Sacode o grito soluçando, – o norte.
Sobre os corcéis dos nevoeiros brancos
Pelo infinito a galopar lá vão...
Erguem-se as névoas como pó do espaço
Da lua pálida ao fatal clarão.

Recife, 8 de dezembro de 1865.

A cruz da estrada

Invideo quia quiescunt.

Luthero (Worms)

Tu que passas, descobre-te! Ali dorme
O forte que morreu.

A. Herculano (Trad.)

Caminheiro que passas pela estrada,
Seguindo pelo rumo do sertão,
Quando vires a cruz abandonada,
Deixa-a em paz dormir na solidão.

Que vale o ramo do alecrim cheiroso
Que lhe atiras nos braços ao passar?
Vais espantar o bando buliçoso
Das borboletas, que lá vão pousar.

É de um escravo humilde sepultura,
Foi-lhe a vida o velar de insônia atroz.
Deixa-o dormir no leito de verdura,
Que o Senhor dentre as selvas lhe compôs.

Não precisa de ti. O gaturamo
Geme, por ele, à tarde, no sertão.
E a juriti, do taquaral no ramo,
Povoa, soluçando, a solidão.

Dentre os braços da cruz, a parasita,
Num abraço de flores, se prendeu.
Chora orvalhos a grama, que palpita;
Lhe acende o vaga-lume o facho seu.

Quando, à noite, o silêncio habita as matas,
A sepultura fala a sós com Deus.
Prende-se a voz na boca das cascatas,
E as asas de ouro aos astros lá nos céus.

Caminheiro! do escravo desgraçado
O sono agora mesmo começou!
Não lhe toques no leito de noivado,
Há pouco a liberdade o desposou.

Recife, 22 de junho de 1865.

Saudação a Palmares

Nos altos cerros erguido
Ninho d'águias atrevido,
Salve! – País do bandido!
Salve! – Pátria do jaguar!
Verde serra onde os palmares
– Como indianos cocares –
No azul dos colúmbios ares
Desfraldam-se em mole arfar!...

Salve! Região dos valentes
Onde os ecos estridentes
Mandam aos plainos trementes
Os gritos do caçador!
E ao longe os latidos soam...
E as trompas da caça atroam...
E os corvos negros revoam
Sobre o campo abrasador!...

Palmares! a ti meu grito!
A ti, barca de granito,
Que no soçobro infinito
Abriste a vela ao trovão.
E provocaste a rajada,
Solta a flâmula agitada
Aos uivos da marujada
Nas ondas da escravidão!

De bravos soberbo estádio,
Das liberdades paládio,
Pegaste o punho do gládio,
E olhaste rindo p'ra o val:
"Descei de cada horizonte...
Senhores! Eis-me defronte!"
E riste... O riso de um monte!
E a ironia... de um chagal!...

Cantem Eunucos devassos
Dos reis os marmóreos paços;
E beijem os férreos laços,
Que não ousam sacudir...
Eu canto a beleza tua,
Caçadora seminual!...
Em cuja perna flutua
Ruiva a pele de um tapir.

Crioula! o teu seio escuro
Nunca deste ao beijo impuro!
Luzidio, firme, duro,
Guardaste p'ra um nobre amor.
Negra Diana selvagem,
Que escutas sob a ramagem
As vozes – que traz a aragem
Do teu rijo caçador!...

Salve, Amazona guerreira!
Que nas rochas da clareira,
– Aos urros da cachoeira –
Sabes bater e lutar...
Salve! – nos cerros erguido –
Ninho, onde em sono atrevido,
Dorme o condor... e o bandido!...
A liberdade... e o jaguar!

Fazenda de Santa Isabel, agosto de 1870.

Ode ao Dous de Julho

(Recitada no Teatro de São Paulo)

Era no dous de julho. A pugna imensa
Travara-se nos cerros da Bahia...
O anjo da morte pálido cosia
Uma vasta mortalha em Pirajá.
“Neste lençol tão largo, tão extenso,
“Como um pedaço roto do infinito...
O mundo perguntava erguendo um grito:
“Qual dos gigantes morto rolará?!...”

• • • • •

Debruçados do céu... a noite e os astros
Seguiam da peleja o incerto fado...
Era a tocha – o fuzil avermelhado!
Era o Circo de Roma – o vasto chão!
Por palmas – o troar da artilharia!
Por feras – os canhões negros rugiam!
Por atletas – dous povos se batiam!
Enorme anfiteatro – era a amplidão!

Não! Não eram dous povos, que abalavam
Naquele instante o solo ensanguentado...
Era o porvir – em frente do passado,
A Liberdade – em frente à Escravidão,
Era a luta das águias – e do abutre,
A revolta do pulso – contra os ferros,
O pugilato da razão – com os erros,
O duelo da treva – e do clarão!...

No entanto a luta recrescia indômita...
As bandeiras – como águias eriçadas –
Se abismavam com as asas desdobradas
Na selva escura da fumaça atroz...
Tonto de espanto, cego de metralha,
O arcanjo do triunfo vacilava...
E a glória desgrenhada acalentava
O cadáver sangrento dos heróis!...

• • • • •

Mas quando a branca estrela matutina
Surgiu do espaço... e as brisas forasteiras
No verde leque das gentis palmeiras
Foram cantar os hinos do arrebol,
Lá do campo deserto da batalha
Uma voz se elevou clara e divina:
Eras tu – Liberdade peregrina!
Esposa do porvir – noiva do sol!...

Eras tu que, com os dedos ensopados
No sangue dos avós mortos na guerra,
Livre sagravas a Colúmbia terra,
Sagravas livre a nova geração!
Tu que erguias, subida na pirâmide,
Formada pelos mortos de Cabrito,
Um pedaço de gládio – no infinito...
Um trapo de bandeira – n'ampidão!...

São Paulo, julho de 1868.

O livro e a América

Ao Grêmio Literário.

Talhado para as grandezas,
P'ra crescer, criar, subir,
O Novo Mundo nos músculos
Sente a seiva do porvir.
– Estatuário de colossos –
Cansado doutros esboços
Disse um dia Jeová:
“Vai, Colombo, abre a cortina
Da minha eterna oficina...
Tira a América de lá”.

Molhado inda do dilúvio,
Qual Tritão descomunal,
O continente desperta
No concerto universal.
Dos oceanos em tropa
Um – traz-lhe as artes da Europa,
Outro – as bagas de Ceilão...
E os Andes petrificados,
Como braços levantados,
Lhe apontam para a amplidão.

Olhando em torno então brada:
“Tudo marcha!... Ó grande Deus!
As cataratas – p'ra terra,
As estrelas – para os céus
Lá, do polo sobre as plagas,
O seu rebanho de vagas
Vai o mar apascentar...
Eu quero marchar com os ventos,
Com os mundos... co'os firmamentos!!!”
E Deus responde – “Marchar!”

“Marchar!... Mas como?... Da Grécia
Nos dóricos Partenons
A mil deuses levantando
Mil marmóreos Panteons?...
Marchar co’a espada de Roma
– Leoa de ruiva coma
De presa enorme no chão,
Saciando o ódio profundo...
– Com as garras nas mãos do mundo,
– Com os dentes no coração?...”

“Marchar!... Mas como a Alemanha
Na tirania feudal,
Levantando uma montanha
Em cada uma catedral?...
Não!... Nem templos feitos de ossos,
Nem gládios a cavar fossos
São degraus do progredir...
Lá brada César morrendo:
“No pugilato tremendo
“Quem sempre vence é o porvir!”

Filhos do sec’lo das luzes!
Filhos da Grande nação!
Quando ante Deus vos mostrardes,
Tereis um livro na mão:
O livro – esse audaz guerreiro
Que conquista o mundo inteiro
Sem nunca ter Waterloo...
Éolo de pensamentos,
Que abra a gruta dos ventos
Donde a Igualdade voou!...

Por uma fatalidade
Dessas que descem de além,
O sec'lo, que viu Colombo,
Viu Guttenberg também.
Quando no tosco estaleiro
Da Alemanha o velho obreiro
A ave da imprensa gerou...
O Genovês salta os mares...
Busca um ninho entre os palmares
E a pátria da imprensa achou...

Por isso na impaciência
Desta sede de saber,
Como as aves do deserto –
As almas buscam beber...
Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe – que faz a palma,
É chuva – que faz o mar.

Vós, que o templo das ideias
Largo – abris as multidões,
P'ra o batismo luminoso
Das grandes revoluções,
Agora que o trem de ferro
Acorda o tigre no cerro
E espanta os caboclos nus,
Fazei desse “rei dos ventos”
– Ginete dos pensamentos,
– Arauto da grande luz!...

Bravo! a quem salva o futuro
Fecundando a multidão!...
Num poema amortalhada
Nunca morre uma nação.
Como Goethe moribundo
Brada “Luz” o Novo Mundo
Num brado de Briaréu...
Luz! pois, no vale e na serra...
Que, se a luz rola na terra,
Deus colhe gênios no céu!...

Bahia



Poemas da natureza

A queimada

Meu nobre perdigueiro! Vem comigo.
Vamos a sós, meu corajoso amigo,
 Pelos ermos vagar!
Vamos lá dos gerais, que o vento açoita,
Dos verdes capinais n'agreste moita
 A perdiz levantar!...

Mas não!... Pousa a cabeça em meus joelhos...
Aqui, meu cão!... Já de listrões vermelhos
 O céu se iluminou.
Eis súbito da barra do ocidente,
Doudo, rubro, veloz, incandescente,
 O incêndio que acordou!

A floresta rugindo as comas curva...
As asas foscas o gavião recurva,
 Espantado a gritar.
O estampido estupendo das queimadas
Se enrola de quebradas em quebradas,
 Galopando no ar.

E a chama lavra qual jiboia informe,
Que, no espaço vibrando a cauda enorme,
 Ferra os dentes no chão...
Nas rubras roscas estortega as matas...
Que espadanam o sangue das cascatas
 Do roto coração!...

O incêndio – leão ruivo, ensanguentado,
A juba, a crina atira desgrenhado
 Aos pampeiros dos céus!...
Travou-se o pugilato... e o cedro tomba...
Queimado..., retorcendo na hecatombe
 Os braços para Deus.

A queimada! A queimada é uma fornalha!

A irara – pula; o cascavel – chocalha...

Raiva, espuma o tapir!

... E às vezes sobre o cume de um rochedo

A corça e o tigre – náufragos do medo –

Vão trêmulos se unir!

Então passa-se ali um drama agosto...

N'último ramo do pau-d'arco adusto

O jaguar se abrigou...

Mas rubro é o céu... Recresce o fogo em mares...

E após... tombam as selvas seculares...

E tudo se acabou!...

Crepúsculo sertanejo

A tarde morria! Nas águas barrentas
As sombras das margens deitavam-se longas;
Na esguia atalaia das árvores secas
Ouvia-se um triste chorar de arapongas.

A tarde morria! Dos ramos, das lascas,
Das pedras, do líquen, das heras, dos cardos,
As trevas rasteiras com o ventre por terra
Saíam, quais negros, cruéis leopardos.

A tarde morria! Mais funda nas águas
Lavava-se a galha do escuro ingazeiro...
Ao fresco arrepio dos ventos cortantes
Em músico estalo rangia o coqueiro.

Sussurro profundo! Marulho gigante!
Talvez um – silêncio!... Talvez uma – orquestra...
Da folha, do cálix, das asas, do inseto...
Do átomo – à estrela... do verme – à floresta!...

As garças metiam o bico vermelho
Por baixo das asas, – da brisa ao açoite –;
E a terra na vaga de azul do infinito
Cobria a cabeça co'as penas da noite!

Somente por vezes, dos *jungles* das bordas
Dos golfos enormes, daquela paragem,
Erguia a cabeça surpreso, inquieto,
Coberto de limos – um touro selvagem.

Então as marrecas, em torno boiando,
O voo encurvavam medrosas, à toa...
E o tímido bando pedindo outras praias
Passava gritando por sobre a canoa!...

Sub tegmine fagi

A Melo Morais

*Dieu parle dans le calme plus haut
que dans lá tempête.*

Mickiewickz

Deus nobis haec otia fecit.

Virgílio

Amigo! O campo é o ninho do poeta...
Deus fala, quando a turba está quieta,
Às campinas em flor.
– Noivo – Ele espera que os convivas saiam...
E n'alcova onde as lâmpadas desmaiam
Então murmura – amor

Vem comigo cismar risonho e grave...
A poesia – é uma luz... e a alma – uma ave...
Querem – trevas e ar.
A andorinha, que é a alma – pede o campo.
A poesia quer sombra – é o pirilampo...
P'ra voar... p'ra brilhar.

Meu Deus! Quanta beleza nessas trilhas...
Que perfume nas doces maravilhas,
Onde o vento gemeu!...
Que flores d'ouro pelas veigas belas!
... Foi um anjo co'a mão cheia de estrelas
Que na terra as perdeu.

Aqui o éter puro se adelgaça...
Não sobe esta blasfêmia de fumaça
Das cidades p'ra o céu.
E a Terra é como o inseto friorento
Dentro da flor azul do firmamento,
Cujo cálix pendeu!...

Qual no fluxo e refluxo, o mar em vagas
Leva a concha dourada... e traz das plagas
Corais em turbilhão,
A mente leva a prece a Deus – por pérolas
E traz, volvendo após das praias cérulas,
– Um brilhante – o perdão!

A alma fica melhor no descampado...
O pensamento indômito, arrojado
Galopa no sertão,
Qual nos estepes o corcel fogoso
Relincha e parte turbulento, estoso,
Solta a crina ao tufão.

Vem! Nós iremos na floresta densa,
Onde na arcada gótica e suspensa
Reza o vento feral.
Enorme sombra cai da enorme rama...
É o *Pagode* fantástico de Brama
Ou velha catedral.

Irei contigo pelos ermos – lento –
Cismando, ao pôr do sol, num pensamento
Do nosso velho Hugo.
– Mestre do mundo! Sol da eternidade!...
Para ter por planeta a humanidade,
Deus num *cerro* o *fixou*.

Ao longe, na quebrada da colina,
Enlaça a trepadeira purpurina
O negro mangueiral!...
Como no *Dante* a pálida *Francesca*
Mostra o sorriso rubro e a face fresca
Na estrofe sepulcral.

O povo das formosas amarílis
Embala-se nas balsas, como as Willis
Que o *Norte* imaginou.
O antro – fala... o ninho s'estremece...
A driade entre as folhas aparece...
Pã na flauta soprou!...

Mundo estranho e bizarro da quimera,
A fantasia desvairada gera
Um paganismo aqui.
Melhor eu compreendo então Virgílio...
E vendo os Faunos lhe dançar no idílio,
Murmuro crente: – eu vi!

Quando penetro na floresta triste,
Qual pela ogiva gótica o antiste,
Que procura o Senhor,
Como bebem as aves peregrinas
Nas ânforas de orvalho das boninas,
Eu bebo crença e amor!...

E à tarde, quando o sol – condor sangrento –
No ocidente se aninha sonolento,
Como a abelha na flor...
E a luz da estrela trêmula se irmana
Co'a fogueira noturna da cabana,
Que acendera o pastor,

A lua – traz um raio para os mares...
A abelha – traz o mel... um treno aos lares
Traz a rola a carpir...
Também deixa o poeta a selva escura
E traz alguma estrofe, que fulgura,
P'ra legar ao porvir!...

Vem! Do mundo leremos o problema
Nas folhas da floresta, ou do poema,
Nas trevas ou na luz...
Não vês?... Do céu a cúpula azulada,
Como uma taça sobre nós voltada,
Lança a poesia a flux!...

Boa Vista, 1867.

Coup d'étrier

É preciso partir! Já na calçada
Retinem as esporas do arrieiro;
Da mula a ferradura tacheada
Impaciente chama o cavaleiro;
A espaços ensaiando uma toada
Sincha as bestas o lépido tropeiro...
Soa a celeuma alegre da partida,
O pajem firma o loro e empunha a brida.

Já do largo deserto o sopro quente
Mergulha perfumado em meus cabelos.
Ouço das servas a canção cadente
Segredando-me incógnitos anelos.
A voz dos servos pitoresca, ardente
Fala de amores férvidos, singelos...
Adeus! Na folha rota de meu fado
Traço ainda um – adeus – ao meu passado.

Um adeus! E depois morra no olvido
Minha história de luto e de martírio,
As horas que eu vaguei louco, perdido
Das cidades no tétrico delírio;
Onde em pântano turvo, apodrecido
D'íntimas flores não rebenta um lírio...
E no drama das noites do prostíbulo
É mártir – alma... a saturnal – patíbulo!

Onde o Gênio sucumbe na asfixia
Em meio à turba alvar e zombadora;
Onde Musset suicida-se na orgia,
E Chatterton na fome aterradora!
Onde, à luz de uma lâmpada sombria,
O Anjo-da-Guarda ajoelhado chora,
Enquanto a cortesã lhe apanha os prantos
P'ra realce dos lúbricos encantos!...

Abre-me o seio, ó Madre Natureza!
Regaços da floresta americana,
Acalenta-me a mádida tristeza
Que da vaga das turbas espadana.
Troca dest'alma a fria morbidez
Nessa ubérrima seiva soberana!...
O *Pródigo*... do lar procura o trilho...
Natureza! Eu voltei... e eu sou teu filho!

Novo alento selvagem, grandioso
Trema nas cordas desta frouxa lira.
Dá-me um plectro bizarro e majestoso,
Alto como os ramais da sicupira.
Cante meu gênio o dédalo assombroso
Da floresta que ruge e que suspira,
Onde a víbora lambe a parasita...
E a onça fula o dorso pardo agita!

Onde em cálix de flor imaginária
A cobra de coral rola no orvalho,
E o vento leva a um tempo o canto vário
D'araponga e da serpe de chocalho...
Onde a soidão é o magno estradivário...
Onde há musc'los em fúria em cada galho,
E as raízes se torcem quais serpentes...
E os monstros jazem no ervaçal dormentes.

E se eu devo expirar... se a fibra morta
Reviver já não pode a tanto alento...
Companheiro! Uma cruz na selva corta
E planta-a no meu tosco monumento!...
Da chapada nos ermos... (o qu'importa?)
Melhor o inverno chora... e geme o vento.
E Deus para o poeta o céu desata
Semeado de lágrimas de prata!...

Curralinho, 1º de junho de 1870.



Poemas da saudade

Versos de um viajante

Ai! nenhum mago da Caldeia sábia
A dor abrandará que me devora.

F. Varela

Tenho saudades das cidades vastas,
Dos ínvios cerros, do ambiente azul...
Tenho saudades dos cerúleos mares
Das belas filhas do país do sul!

Tenho saudades de meus dias idos
– Pét'las perdidas em fatal paul –
Pét'las, que outrora desfolhamos juntos,
Morenas filhas do país do sul!

Lá onde as vagas nas areias rolam,
Bem como aos pés da Oriental 'Stambul...
E da Tijuca na intente espuma
Banham-se as filhas do país do sul.

Onde ao sereno a magnólia esconde
Os pirilampos “de lanterna azul”,
Os pirilampos, que trazeis nas coifas,
Morenas filhas do país do sul.

Tenho saudades... ai! de ti, São Paulo,
– Rosa de Espanha no hibernar Friul –
Quando o estudante e a serenata acordam
As belas filhas do país do sul.

Das várzeas longas, das manhãs brumosas,
Noites de névoas, ao rugitar do sul,
Quando eu sonhava nos morenos seios
Das belas filhas do país do sul.

Em caminho, fevereiro de 1870.

A Boa Vista

Sonha, poeta, sonha! Aqui sentado
No tosco assento da janela antiga,
Apoias sobre a mão a face pálida,
Sorrindo – dos amores à cantiga.

Álvares de Azevedo

Era uma tarde triste, mas límpida e suave...
Eu – pálido poeta – seguia triste e grave
A estrada, que conduz ao campo solitário,
Como um filho, que volta ao paternal sacrário,
E ao longe abandonando o murmúrio da cidade
– Som vago, que gagueja em meio à imensidade –,
No drama do crepúsculo eu escutava atento
A surdina da tarde ao sol, que morre lento.

A poeira da estrada meu passo levantava,
Porém minh'alma ardente no céu azul marchava
E os astros sacudia no voo violento
– Poeira, que dormia no chão do firmamento.

A pávida andorinha, que o vendaval fustiga,
Procura os coruchéus da catedral antiga.
Eu – andorinha entregue aos vendavais do inverno,
Ia seguindo triste p'ra o velho lar paterno.

Como a água, que do ninho talhado no rochedo
Ergue o pescoço calvo por cima do fraguado,
– (P'ra ver no céu a nuvem, que espuma o firmamento,
E o mar, – corcel que espuma ao látego do vento...) –
Longe o feudal castelo levanta a antiga torre,
Que aos raios do poente brilhante sol escorre!
Ei-lo soberbo e calmo o abutre de granito
Mergulhando o pescoço no seio do infinito,
E lá de cima olhando com seus clarões vermelhos
Os tetos, que a seus pés parecem de joelhos!...

Não! Minha velha torre! Oh! atalaia antiga,
Tu olhas esperando alguma face amiga,
E perguntas talvez ao vento, que em ti chora:
“Por que não volta mais o meu senhor d’outrora?
Por que não vem sentar- se no banco do terreiro
Ouvir das criancinhas o riso feiticeiro
E pensando no lar, na ciência, nos pobres
Abrigar nesta sombra seus pensamentos nobres?”

Onde estão as crianças – grupo alegre e risonho
– Que escondiam-se atrás do cipreste tristonho...
Ou que enforcaram rindo um feio *Pulchinello*,
Enquanto a doce Mãe, que é toda amor, desvelo
Ralha com um rir divino o grupo folgazão,
Que vem correndo alegre beijar-lhe a branca mão?...”

É nisto que tu cismas, ó torre abandonada,
Vendo deserto o parque e solitária a estrada.
No entanto eu – estrangeiro, que tu já não conheces –
No limiar de joelhos só tenho pranto e preces.

Oh! Deixem-me chorar!... Meu lar... meu doce ninho!
Abre a vetusta grade ao filho teu mesquinho!
Passado – mar imenso!... inunda-me em fragrância!
Eu não quero lauréis, quero as rosas da infância.

Ai! Minha triste fronte, aonde as multidões
Lançaram misturadas glórias e maldições...
Acalenta em teu seio, ó solidão sagrada!
Deixa est’alma chorar em teu ombro encostada!

Meu lar está deserto... Um velho cão de guarda
Veio saltando a custo roçar-me a testa parda,
Lamber-me após os dedos, porém a sós consigo
Rusgando com o direito, que tem um velho amigo...

Como tudo mudou-se!... O jardim 'stá inculto
As roseiras morreram do vento ao rijo insulto...

A erva inunda a terra; o musgo trepa os muros
A ortiga silvestre enrola em nós impuros
Uma estátua caída, em cuja mão nevada
A aranha estende ao sol a teia delicada!...
Mergulho os pés nas plantas selvagens, espalmadas,
As borboletas fogem-me em lúcidas manadas...
E ouvindo-me as passadas tristonhas, taciturnas,
Os grilos, que cantavam, calaram-se nas furnas...

Oh! jardim solitário! Relíquia do passado!
Minh'alma, como tu, é um parque arruinado!
Morreram-me no seio as rosas em fragrância,
Veste o pesar os muros dos meus vergéis da infância,
A estátua do talento, que pura em mim s'erguia,
Jaz hoje – e nela a turba enlaça uma ironia!...
Ao menos como tu, lá d'alma num recanto
Da casta poesia ainda escuto o canto,
Voz do céu, que consola, se o mundo nos insulta,
E na gruta do seio murmura um treno oculta.

Entremos!... Quantos ecos na vasta escadaria,
Nos longos corredores respondem-me à porfia!...

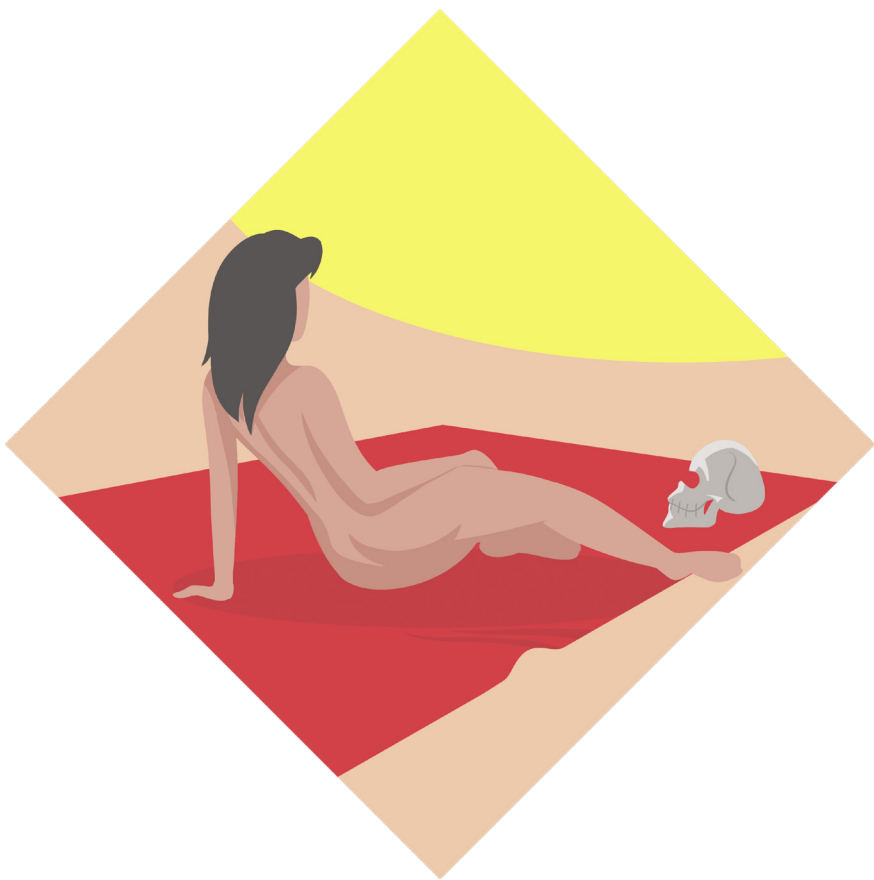
Oh! casa de meus pais!... A um crânio já vazio,
Que o hóspede largando deixou calado e frio,
Compara-te o estrangeiro – caminhando indiscreto
Nestes salões imensos, que abriga o vasto teto.

Mas eu no teu vazio – vejo uma multidão
Fala-me o teu silêncio – ouço-te a solidão!...
Povoam-se estas salas...

E eu vejo lentamente
No solo resvalarem falando tenuemente
Dest'alma e deste seio as sombras venerandas
Fantasmas adorados – visões sutis e brandas...

Aqui... além... mais longe... por onde eu movo o passo,
Como aves, que espantadas arrojaram-se ao espaço,
Saudades e lembranças s'erguendo – bando alado
– Roçam por mim as asas voando p'ra o passado.

Boa Vista, 18 de novembro de 1867.



Poemas do sono e da morte

Hino ao sono

Ó sono! ó noivo pálido
Das noites perfumosas,
Que um chão de *nebulosas*
Trilhas pela amplidão!
Em vez de verdes pâmpanos,
Na branca fronte enrolas
As lânguidas papoulas,
Que agita a viração.

Nas horas solitárias,
Em que vagueia a lua,
E lava a planta nua
Na onda azul do mar,
Com um dedo sobre os lábios
No voo silencioso,
Vejo-te cauteloso
No espaço viajar!

Deus do infeliz, do mísero!
Consolação do aflito!
Descanso do precito,
Que sonha a vida em ti!
Quando a cidade tétrica
De angústia e dor não geme...
É tua mão que espreme
A dormideira ali.

Em tua branca túnica
Envolves meio mundo...
E teu seio fecundo
De sonhos e visões,
Dos templos aos prostíbulos,
Desde o tugúrio ao Paço,
Tu lanças lá do espaço
Punhados de ilusões!...

Da vide o sumo rúbido
Do *hatchiz* a essência,
O ópio, que a indolência
Derrama em nosso ser,
Não valem, gênio mágico,
Teu seio, onde repousa
A placidez da lousa
E o gozo de viver...

Ó sono! Unge-me as pálpebras...
Entorna o esquecimento
Na luz do pensamento,
Que abrasa o crânio meu.
Como o pastor da Arcádia,
Que uma ave errante aninha...
Minh'alma é uma andorinha...
Abre-lhe o seio teu.

Tu, que fechaste as pétalas
Do lírio, que pendia,
Chorando a luz do dia
E os raios do arrebol,
Também fecha-me as pálpebras...
Sem Ela o que é a vida?
Eu sou a flor pendida
Que espera a luz do sol.

O leite das eufórbias
P'ra mim não é veneno...
Ouve-me, ó Deus sereno!
Ó Deus consolador!
Com teu divino bálsamo
Cala-me a ansiedade!
Mata-me esta saudade,
Apaga-me esta dor.

Mas quando, ao brilho rútilo
Do dia deslumbrante,
Vires a minha amante
Que volve para mim,
Então ergue-me súbito...
É minha aurora linda...
Meu anjo... mais ainda...
É minha amante enfim!

Ó sono! ó Deus noctívago!
Doce influência amiga!
Gênio que a Grécia antiga
Chamava de Morfeu,
Ouve!... E se minhas súplicas
Em breve realizares...
Voto nos teus altares
Minha lira de Orfeu!

São Paulo, 12 de julho de 1868.

Quando eu morrer

Eu morro, eu morro. A matutina brisa
Já não me arranca um riso. A rósea tarde
Já não me doura as descoradas faces
Que gélidas se encovam.

Junqueira Freire

Quando eu morrer... não lancem meu cadáver
No fosso de um sombrio cemitério...
Odeio o mausoléu que espera o morto
Como o viajante desse hotel funéreo.

Corre nas veias negras desse mármore
Não sei que sangue vil de messalina,
A cova, num bocejo indiferente,
Abre ao primeiro a boca libertina.

Ei-la a nau do sepulcro – o cemitério...
Que povo estranho no porão profundo!
Emigrantes sombrios que se embarcam
Para as plagas sem fim do outro mundo.

Tem os fogos – errantes – por santelmo.
Tem por velame – os panos do sudário...
Por mastro – o vulto esguio do cipreste,
Por gaivotas – o mocho funerário...

Ali ninguém se firma a um braço amigo
Do inverno pelas lúgubres noites...
No tombadilho indiferentes chocam-se
E nas trevas esbarram-se as ossadas...

Como deve custar ao pobre morto
Ver as placas da vida além perdidas,
Sem ver o branco fumo de seus lares
Levantar-se por entre as avenidas!...

Oh! perguntai aos frios esqueletos
Por que não têm o coração no peito...
E um deles vos dirá: “Deixei-o há pouco
De minha amante no lascivo leito”.

Outro: “Dei-o a meu pai”. Outro: “Esqueci-o
Nas inocentes mãos de meu filhinho”...
... Meus amigos! Notai... bem como um pássaro
O coração do morto volta ao ninho!...

Mocidade e morte

E perto avisto o porto
Imenso, nebuloso, e sempre noite
Chamado – Eternidade.

Laurindo

Lasciati ogni speranza, voi ch'entrate.

Dante

Oh! eu quero viver, beber perfumes
Na flor silvestre, que embalsama os ares;
Ver minh'alma adejar pelo infinito,
Qual branca vela n'amplidão dos mares.
No seio da mulher há tanto aroma...
Nos seus beijos de fogo há tanta vida...
– Árabe errante, vou dormir à tarde
À sombra fresca da palmeira erguida.

Mas uma voz responde-me sombria:
Terás o sono sob a lájea fria.

Morrer... quando este mundo é um paraíso,
E a alma um cisne de douradas plumas:
Não! o seio da amante é um lago virgem...
Quero boiar à tona das espumas.
Vem! formosa mulher – camélia pálida,
Que banharam de pranto as alvoradas,
Minh'alma é a borboleta, que espaneja
O pó das asas lúcidas, douradas...

E a mesma voz repete-me terrível,
Com gargalhar sarcástico: – impossível!

Eu sinto em mim o borbulhar do gênio,
Vejo além um futuro radiante:
Avante! – brada-me o talento n'alma
E o eco ao longe me repete – avante! –
O futuro... o futuro... no seu seio...
Entre louros e bênçãos dorme a glória!
Após – um nome do universo n'alma,
Um nome escrito no Panteon da história.

E a mesma voz repete funerária:
Teu Panteon – a pedra mortuária!

Morrer – é ver extinto dentre as névoas
O fanal, que nos guia na tormenta:
Condenado – escutar dobres de sino,
– Voz da morte, que a morte lhe lamenta –
Ai! morrer – é trocar astros por círios,
Leito macio por esquife imundo,
Trocar os beijos da mulher – no visco
Da larva errante no sepulcro fundo,

Ver tudo findo... só na lousa um nome,
Que o viandante a perpassar consome.

E eu sei que vou morrer... dentro em meu peito
Um mal terrível me devora a vida:
Triste Ahasverus, que no fim da estrada,
Só tem por braços uma cruz erguida.
Sou o cipreste, qu'inda mesmo florido,
Sombra de morte no ramal encerra!
Vivo – que vaga sobre o chão da morte,
Morto – entre os vivos a vagar na terra.

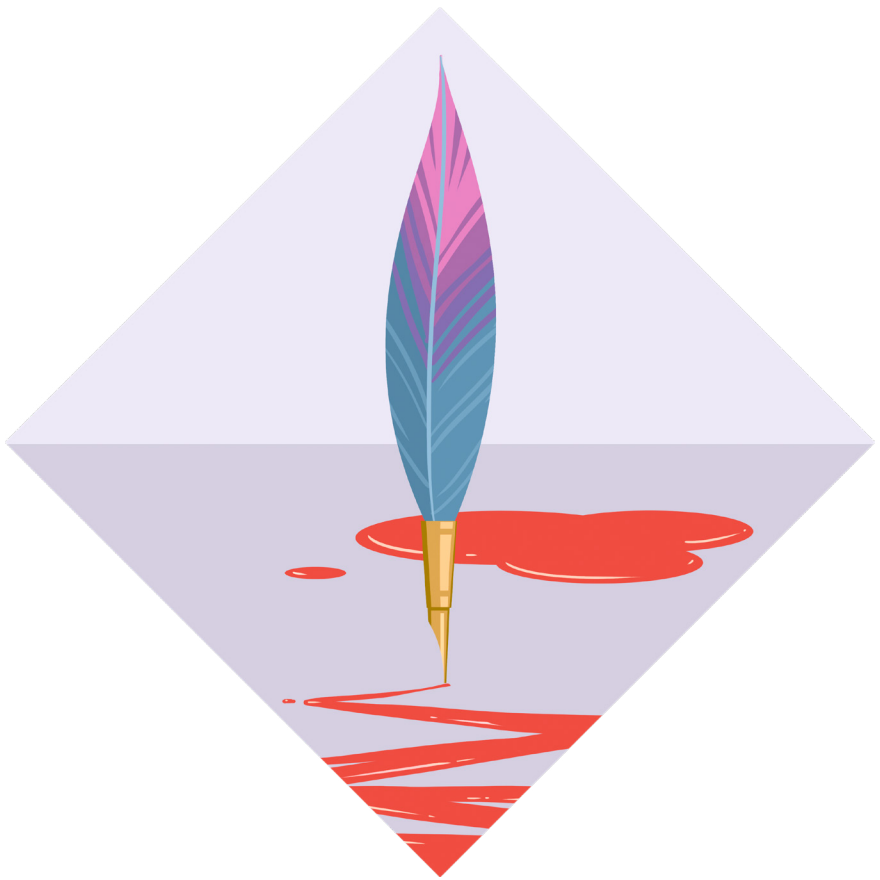
Do sepulcro escutando triste grito
Sempre, sempre bradando-me: maldito!

E eu morro, ó Deus! na aurora da existência,
Quando a sede e o desejo em nós palpita...
Levei aos lábios o dourado pomo,
Mordi no fruto podre do Asfaltita.
No triclinio da vida – novo Tântalo –
O vinho do viver ante mim passa...
Sou dos convivas da legenda Hebraica,
O estilete de Deus quebra-me a taça.

É que até minha sombra é inexorável,
Morrer! morrer! soluça-me implacável.

Adeus, pálida amante dos meus sonhos!
Adeus, vida! Adeus, glória! amor! anelos!
Escuta, minha irmã, cuidadosa enxuga
Os prantos de meu pai nos teus cabelos.
Fora louco esperar! fria rajada
Sinto que do viver me extingue a lampa...
Resta-me agora por futuro – a terra,
Por glória – nada, por amor – a campa.

Adeus... arrasta-me uma voz sombria,
Já me foge a razão na noite fria!...



*Poemas da graça e da
desgraça de ser poeta*

Dedicatória de Espumas flutuantes

A pomba d'aliança o voo espraia
Na superfície azul do mar imenso,
Rente... rente da espuma já desmaia
Medindo a curva do horizonte extenso...
Mas um disco se avista ao longe... A praia
Rasga nitente o nevoeiro denso!...
Ó pouso! ó monte! ó ramo de oliveira!
Ninho amigo da pomba forasteira!...

Assim, meu pobre livro as asas larga
Neste oceano sem fim, sombrio, eterno...
O mar atira-lhe a saliva amarga,
O céu lhe atira o temporal de inverno...
O triste verga à tão pesada carga!
Quem abre ao triste um coração paterno?...
É tão bom ter por árvore – uns carinhos!
É tão bom de uns afetos – fazer ninhos!

Pobre órfão! Vagando nos espaços
Embalde às solidões mandas um grito!
Que importa? De uma cruz ao longe os braços
Vejo abrirem-se ao mísero precito...
Os túmulos dos teus dão-te regaços!
Ama-te a sombra do salgueiro aflito...
Vai, pois, meu livro! e como louro agreste
Traz-me no bico um ramo de... cipreste!

Bahia, janeiro de 1870.

Ahasverus e o gênio

Ao poeta e amigo J. Felizardo Júnior.

Sabes quem foi Ahasverus?... – o precito,
O mísero Judeu, que tinha escrito
Na frente o selo atroz!
Eterno viajor de eterna senda...
Espantado a fugir de tenda em tenda,
Fugindo embalde à *vingadora voz!*

Misérriimo! Correu o mundo inteiro,
E no mundo tão grande... o forasteiro
Não teve onde... pousar.
Co'a mão vazia – viu a terra cheia.
O deserto negou-lhe – o grão de areia.
A gota d'água – rejeitou-lhe o mar.

D'Ásia as florestas – lhe negaram sombra
A savana sem fim – negou-lhe alfombra.
O chão negou-lhe o pó!...
Tabas, serralhos, tendas e solares...
Ninguém lhe abriu a porta de seus lares
E o triste seguiu só.

Viu povos de mil climas, viu mil raças,
E não pôde entre tantas populaças
Beijar uma só mão...
Desde a virgem do Norte à de Sevilhas,
Desde a inglesa à crioula das Antilhas,
Não teve um coração!...

E caminhou!... E as tribos se afastavam
E as mulheres tremendo murmuravam
Com respeito e pavor.
Ai! Fazia tremer do vale à serra...
Ele que só pedia sobre a terra
– Silêncio, paz e amor!

No entanto à noite, se o Hebreu passava,
Um murmúrio de inveja se elevava,
Desde a flor da campina ao colibri.
“Ele não morre”, a multidão dizia...
E o precito consigo respondia:
– “Ai! mas nunca vivi”

• • • • •

O Gênio é como Ahasverus... solitário
A marchar, a marchar no itinerário
Sem termo do existir.
Invejado! a invejar os invejosos...
Vendo a sombra dos álamos frondosos...
E sempre a caminhar... sempre a seguir...

Pede u’a mão de amigo – dão-lhe palmas:
Pede um beijo de amor – e as outras almas
Fogem pasmas de si.
E o mísero de glória em glória corre...
Mas quando a terra diz: – “Ele não morre”
Responde o desgraçado: – “Eu não vivi...”

São Paulo, outubro de 1868.

Poesia e mendicidade

(No álbum da Ex.^{ma} S.^{ra} D. Maria Justina Proença Pereira Peixoto)

I

Senhora! A Poesia outrora era a Estrangeira,
Pálida, aventureira, errante a viajar,
Batendo em duas portas – ao grito das procelas –
Ao céu – pedindo estrelas, à terra – um pobre lar!

Visão – de áureos lauréis – porém de manto esquálido,
Mulher – de lábio pálido – e olhar – cheio de luz.
Seus passos nos espinhos em sangue se assinalam...
E os astros lhe resvalam – à flor dos ombros nus...

II

Olhai! O sol descamba... A tarde harmoniosa
Envolve luminosa a Grécia em frouxo véu.
Na estrada ao som da vaga, ao suspirar do vento,
De um marco poeirento um velho então se ergueu.

Ergueu-se tateando... é cego... o cego anseia...
Porém o que tateia aquela augusta mão?...
Talvez busca pegar o sol, que lento expira!...
Fado cruel... mentira!... Homero pede pão!

III

Mas ai! voltei, Senhora, os vossos belos olhos
Daquele mar de abrolhos, a um novo quadro! olhai!
Do vasto salão gótico eu ergo o reposteiro...
O lar é hospitaleiro... Entrai, Senhora, entrai!

Estamos na média idade. Arnês, gládio, armadura
Servem de compostura à sala vasta e chã.
A um lado um galgo esvelto ameiga e acaricia
A mão suave, esguia – à loura castelã.

Vai o banquete em meio... O bardo se alevanta
Pega da lira... canta... uma canção de amor...
Ouvi-o! Para ouvi-lo a estrela pensativa
Alonga pela ogiva um raio de langor!

Dos ramos do carvalho a brisa se debruça...
Na sala alguém soluça... (amor, ou languidez?)
Súbito a nota extrema anseia, treme, rola...
Alguém pede uma esmola... Senhora, não olheis!...

Assim nos tempos idos a musa canta e pede...
Gênio e mendigo... vede... o abismo de irrisões!
Tasso implora um olhar! Vai Ossian mendicante...
Caminha roto o Dante! e pede pão Camões.

IV

Bem sei, Senhora, que ao talento agora
Surgiu a aurora de uma luz amena.
Hoje há salário p'ra qualquer trabalho,
Cinzel, ou malho, ferramenta ou pena!

Melhor que o Rei sabe pagar o pobre
Melhor que o nobre – protetor verdugo!
Foi surdo um trono... à maior glória vossa... Abre-se
a choça aos Miseráveis de Hugo.

Porém não sei se é por costume antigo,
Que inda é mendigo do cantor o gênio.
Mudem-se os panos do cenário a esmo
O vulto é o mesmo... num melhor prosclênio...

Hoje o Poeta – caminheiro errante,
Que tem saudade de um país melhor
Pede uma pérola – à maré montante,
Do seio às vagas – pede – um outro amor.

Alma sedenta de ideal na terra
Busca apagar aquela sede atroz!
Pede a harmonia divinal, que encerra
Do ninho o chilro... da tormenta a voz!

E o rir da folha, o sussurrar da fala,
Trenos da estrela no amoroso estio.
Voz que dos poros o Universo exala
Do céu, da gruta, do alcantil, do rio!

Pede aos pequenos, desde o verme ao tojo,
Ao fraco, ao forte... – preces, gritos, uivos...
Pede das águias o possante arrojo,
Para encontrar os meteoros ruivos.

Pede à mulher que seja boa e linda
– Vestal de um tipo que o *ideal* revela...
Pois ser formosa é ser melhor ainda...
Se é boa – és luz... mas se és formosa – estrela...

E pede à sombra p'ra aljofrar de orvalhos
A fronte azul da solidão noturna.
E pede às auras p'ra afagar os galhos
E pede ao lírio p'ra enfeitar a furna.

Pede ao olhar a maciez suave
Que tem o arminho e o edredom macio,
O aveludado da penugem d'ave,
Que afaga as plumas no palmar sombrio.

• • • • •

E quando encontra sobre a terra ingrata
Um reverbero do clarão celeste,
– Alma formada de uma essência grata,
Que a lua – doura, e que um perfume veste;

Um rir, que nasce como o broto em maio;
Mostrando seivas de bondade infinda,
Fronte que guarda – a claridade e o raio,
– Virtude e graça – o ser bondosa e linda...

Então, Senhora, sob tanto encanto
Pede o Poeta (que não tem renome)
– Versos – à brisa p'ra vos dar um canto...
Raios ao sol – p'ra vos traçar o nome!...

Bahia, 26 de janeiro de 1870.

Adeus, meu canto

I

Adeus, meu canto! É a hora da partida...
O oceano do povo s'encapela.
Filho da tempestade, irmão do raio,
Lança teu grito ao vento da procela.

O inverno envolto em antos de geada
Cresta a rosa de amor que além se erguera...
Ave da arribação, voa, anuncia
Da liberdade a santa primavera.

É preciso partir, aos horizontes
Mandar o grito errante da vedeta.
Ergue-te, ó luz! – estrela para o povo,
– Para os tiranos – lúgubre cometa.

Adeus, meu canto! Na revolta praça
Ruge o clarim tremendo da batalha.
Águia – talvez as asas te espedacem,
Bandeira – talvez rasgue-te a metralha.

Mas não importa a ti, que no banquete
O manto sibarita não trajaste –,
Que se louros não tens na altiva fronte
Também da orgia a coroa renegaste.

A ti que herdeiro duma raça livre
Tomaste o velho arnês e a cota d'armas;
E no ginete que escarvava os vales
A corneta esperaste dos alarmas.

É tempo agora p'ra quem sonha a glória
E a luta... e a luta, essa fatal fornalha,
Onde referve o bronze das estátuas,
Que a mão dos sec'los no futuro talha...

Parte, pois, solta livre aos quatro ventos
A alma cheia das crenças do poeta!...
Ergue-te ó luz! – estrela para o povo,
Para os tiranos – lúgubre cometa.

Há muita virgem que ao prostíbulo impuro
A mão do algoz arrasta pela trança;
Muita cabeça d'ancião curvada,
Muito riso afogado de criança.

Dirás à virgem: – Minha irmã, espera:
Eu vejo ao longe a pomba do futuro.
– Meu pai, dirás ao velho, dá-me o fardo
Que atropela-te o passo mal seguro...

A cada berço levarás a crença.
A cada campa levarás o pranto.
Nos berços nus, nas sepulturas rasas,
– Irmão do pobre – viverás, meu canto.

E pendido através de dois abismos,
Com os pés na terra e a fronte no infinito,
Traze a bênção de Deus ao cativo,
Levanta a Deus do cativo o grito!

II

Eu sei que ao longe na praça,
Ferve a onda popular,
Que às vezes é pelourinho,
Mas poucas vezes – altar.
Que zombam do bardo atento,
Curvo aos murmúrios do vento
Nas florestas do existir,
Que babam fel e ironia
Sobre o ovo da utopia
Que guarda a ave do porvir.

Eu sei que o ódio, o egoísmo,
A hipocrisia, a ambição,
Almas escuras de grutas,
Onde não desce um clarão,
Peitos surdos às conquistas,
Olhos fechados às vistas,
Vistas fechadas à luz,
Do poeta solitário
Lançam pedras ao calvário,
Lançam blasfêmias à cruz.

Eu sei que a raça impudente
Do escriba, do fariseu,
Que ao Cristo eleva o patíbulo,
A fogueira a Galileu,
É o fumo da chama vasta,
Sombra – que o século arrasta,
Negra, torcida, a seus pés;
Tronco enraizado no inferno,
Que se arqueia escuro, eterno,
Das idades através.

E eles dizem, reclinados
Nos festins de Baltasar:
“Que importuno é esse que canta
Lá no Eufrate a soluçar?
Prende aos ramos do salgueiro
A lira do cativo,
Profeta da maldição,
Ou cingindo a augusta fronte
Com as rosas d’Anacreonte
Canta o amor e a criação...”

Sim! cantar o campo, as selvas,
As tardes, a sombra, a luz:
Soltar su’alma com o bando
Das borboletas azuis;
Ouvir o vento que geme,
Sentir a folha que treme,
Como um seio que pulou,
Das matas entre os desvios,
Passar nos antros bravios
Por onde o jaguar passou;

É belo... E já quantas vezes
Não saudei a terra – o céu,
E o Universo – Bíblia imensa
Que Deus no espaço escreveu?!
Que vezes nas cordilheiras,
Ao canto das cachoeiras,
Eu lancei minha canção,
Escutando as ventanias
Vagas, tristes profecias
Gemerem na escuridão?!...

Já também amei as flores,
As mulheres, o arrebol,
E o sino que chora triste,
Ao morno calor do sol.
Ouvi saudoso a viola,
Que ao sertanejo consola,
Junto à fogueira do lar,
Amei a linda serrana,
Cantando a mole tirana,
Pelas noites de luar!

Da infância o tempo fugindo
Tudo mudou-se em redor.
Um dia passa em minh'alma
Das cidades o rumor.
Soa a ideia, soa o malho,
O ciclope do trabalho
Prepara o raio do sol.
Tem o povo – mar violento –
Por armas o pensamento,
A verdade por farol.

E o homem, vaga que nasce
No oceano popular,
Tem que impedir os espíritos,
Tem uma plaga a buscar.
Oh! maldição ao poeta
Que foge – falso profeta –
Nos dias de provação!
Que mistura o tosco iambo
Com o tírio ditirambo
Nos poemas d'aflição!...

“Trabalhar!” brada na sombra
A voz imensa, de Deus –
“Braços! voltai-vos p’ra terra,
Frontes! voltai-vos pr’os céus!”
Poeta, sábio, selvagem,
Vós sois a santa equipagem
Da nau da civilização!
Marinheiro –, sobe aos mastros,
Piloto, – estuda nos astros,
Gajeiro, – olha a cerração!”

Uivava a negra tormenta
Na enxárcia, nos mastaréus.
Uivavam nos tombadilhos,
Gritos insontes de réus.
Vi a equipagem medrosa
Da morte à vaga horrorosa
Seu próprio irmão sacudir.
E bradei: – “Meu canto, voa,
Terra ao longe! Terra à proa!...
Vejo a terra do porvir!...”

III

Companheiro da noite maldormida,
Que a mocidade vela sonhadora,
Primeira folha d'árvore da vida,
Estrela que anuncia a luz da aurora.
Da harpa do meu amor nota perdida,
Orvalho que do seio se evapora,
É tempo de partir... Voa, meu canto, –
Que tantas vezes orvalhei de pranto.

Tu foste a estrela vésper que alumia
Aos pastores d'Arcádia nos fragedos!
Ave que no meu peito se aquecia
Ao murmúrio talvez dos meus segredos.
Mas hoje que sinistra ventania
Muge nas selvas, ruge nos rochedos,
Condor sem rumo, errante, que esvoaça,
Deixo-te entregue ao vento da desgraça.

Quero-te assim; na terra o teu fadário
É ser o irmão do escravo que trabalha,
É chorar junto à cruz do seu calvário,
É bramir do senhor na bacanália...
Se – vivo – seguirás o itinerário,
Mas, se – morto – rolares na mortalha,
Terás, selvagem filho da floresta,
Nos raios e trovões hinos de festa.

Quando a piedosa, errante caravana,
Se perde nos desertos, peregrina,
Buscando na cidade muçulmana,
Do sepulcro de Deus a vasta ruína,
Olha o sol que se esconde na savana,
Pensa em Jerusalém, sempre divina,
Morre feliz, deixando sobre a estrada
O marco miliário duma ossada.

Assim, quando essa turba horripilante,
Hipócrita sem fé, bacante impura,
Possa curvar-te a fronte de gigante,
Possa quebrar-te as malhas da armadura,
Tu deixarás na liça o férreo guante
Que há de colher a geração futura...
Mas, não... crê no porvir, na mocidade,
Sol brilhante do céu da liberdade.

Canta, filho da luz da zona ardente,
Destes cerros soberbos, altanados!
Emboca a tuba lúgubre, estridente,
Em que aprendeste a rebramir teus brados.
Levanta das orgias – o presente,
Levanta dos sepulcros – o passado,
Voz de ferro! desperta as almas grandes
Do sul ao norte... do oceano aos Andes!!...

Recife, 1865.

Sobre o organizador

Antonio Carlos Secchin nasceu no Rio de Janeiro. É professor emérito de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutor em letras pela mesma universidade.

Poeta com oito livros publicados, entre eles *Desdizer* (poemas inéditos mais poesia reunida, 2017), *Cantar amigo* (2017) e *Todos os ventos*, ganhador de três prêmios para melhor livro do gênero publicado no Brasil em 2002. Em 2018 publicou, na área da literatura infantil, *O galo gago*, contemplado com o Selo 10 da Cátedra de Leitura da Unesco, e, em 2019, com o Selo “Altamente Recomendável”, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Ensaísta, autor de *João Cabral: a poesia do menos* (1985), *Poesia e desordem* (1996), *Escritos sobre poesia & alguma ficção* (2003), *Memórias de um leitor de poesia* (2010), *Papéis de poesia* (2014), *João Cabral: uma fala só lâmina* (2014) e *Percursos da poesia brasileira, do século XVIII ao XXI*, ganhador do Prêmio da APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte) como o melhor livro de ensaios publicado no país em 2018.

Foi várias vezes jurado do Prêmio Camões. Já proferiu 534 palestras em quase todos os estados do Brasil e no exterior. Professor convidado das Universidades de Barcelona, Bordeaux, Califórnia, Lisboa, Mérida, México, Los Angeles, Nápoles, Paris (Sorbonne), Rennes e Roma.

Autor de mais de 500 textos (poemas, contos, ensaios) publicados nos principais periódicos literários brasileiros e internacionais.

Eleito em junho de 2004 para a Academia Brasileira de Letras.

Em 2013, a editora da UFRJ publicou *Secchin: uma vida em letras*, volume com 88 artigos, ensaios e depoimentos sobre a sua atuação nos campos da poesia, do ensaísmo, do magistério e da bibliofilia.

Em 2019, recebeu o Grande Prêmio Cidade do Rio de Janeiro, da Academia Carioca de Letras, pelo conjunto de sua obra.

Contato: acsecchin@uol.com.br

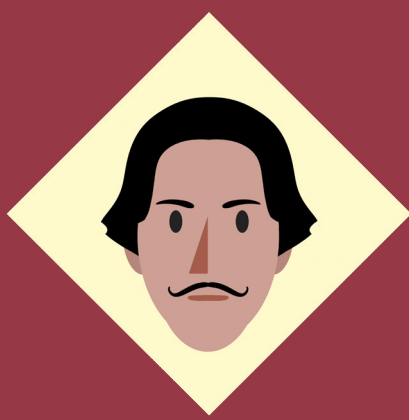


Organizada pelo poeta, contista, ensaísta, professor e imortal da Academia Brasileira de Letras Antonio Carlos Secchin, esta antologia de Castro Alves traz os principais poemas do autor divididos em seis núcleos temáticos: o amor, a liberdade, a morte, a natureza, a saudade e a própria poesia.

Influenciado por Gonçalves Dias, Fagundes Varela, Lord Byron e, principalmente, Victor Hugo, Castro Alves é conhecido por celebrar em seus poemas a “mulher de carne e osso” e o amor correspondido, com um grau de erotismo bastante singular na tradição romântica.

Em seus poemas de caráter épico-social, dos quais o mais famoso é “O navio negreiro”, constata-se a marca vigorosa da oratória e a denúncia das mazelas da escravidão.

Essa poética grandiloquente e altissonante, rica em hipérboles sentimentais e engajadas, foi denominada “condoreira” e estabeleceu o tom da chamada Terceira Geração Romântica.



Antônio Frederico de Castro Alves (1847-1871), poeta e dramaturgo, nasceu na fazenda Cabaceiras no município de Curralinho, hoje Castro Alves, na Bahia.

Frequentou as faculdades de Direito em Recife e em São Paulo durante a campanha antiescravagista. Conheceu Joaquim Nabuco e Rui Barbosa, e participou da fundação de uma sociedade abolicionista.

Escreveu o drama *Gonzaga* ou a *Revolução de Minas*, o qual lhe garantiu a amizade de José de Alencar e a recomendação do romancista a Machado de Assis, que o introduziu nos círculos literários do Rio de Janeiro.

Intitulado o “poeta dos escravos” é autor dos livros: *Espumas flutuantes* (1870), *A cachoeira de Paulo Afonso* (1876), *Os escravos* (1883) e *Hinos do Equador* (1921).



CÂMARA DOS
DEPUTADOS



série
**Prazer
de Ler**